

FERNANDA RODRIGUES GALVE

**SER(TÃO) SEVERINO:
MEMÓRIAS POÉTICAS DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO
(1950-1960)**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História Social, sob a orientação do Prof^a Dra. Maria Angélica Victória Miguela Careaga Soler.

**PUC-SP
2006**

BANCA EXAMINADORA

**À minha mãe, ao meu pai e ao meu irmão,
com muito carinho.**

AGRADECIMENTOS

Obrigada. Meu reconhecimento dirige-se em primeiro lugar ao mestre João Cabral de Melo Neto, cujas palavras permearam toda a andança. Noutras paragens também homenageio a Dra. Maria Angélica Victória Miguela Careaga Soler, lição maior de pesquisadora, amiga e mestra em sabedoria.

Nesta larga jornada, muitos caminharam comigo, meus colegas, grandes professores, meus pais e meus alunos. O trajeto também foi protegido por santos e anjos. Um anjo em especial, Dona Angelina.

Todo aprendizado resulta da abertura para outros.

Amei/ Perdi/ Ganhei/ Senti/ Vivi.

Reconforto e coragem de minha mãe, Maria Luiza, meu pai, Silvio, e meu irmão, Danilo.

Agradeço.

À CAPES, pelo apoio institucional sem o qual esta pesquisa não teria se realizado.

Homenagem especial aos componentes da Banca Examinadora do exame de qualificação, Dra. Ana Bárbara Pederiva e Dr. Josias Abdala Duarte, pelas preciosas sugestões.

Meu afeto para Ethel Martinez de Azevedo Camargo, Cristiano Carlos de Carvalho, Tatiana Pacor, Ana Carolina Ayres, Renata Oliveira, Elvio Nigro Junior, Anna Luiza Roveda, Norma Nascimento, Cíntia Ribeiro, Ana Karine Martins Garcia, Emilia Carnevali, que, com senso de solidariedade, companheirismo e amizade, partilharam toda a jornada.

"...E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina."

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

A presente dissertação faz uma articulação da História com a Literatura, numa reflexão do “ser” e da cidade do Recife. Tem como objetos de estudo o poeta João Cabral de Melo Neto e sua obra “Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano”, de 1954, poema dramático que nos conduz ao fluxo do rio da vida severina e nos leva a refletir sobre questões sociais e históricas que procuram levantar um retrato das condições e dos problemas do homem nordestino. Ler a lógica de uma obra literária é um modo de ligar-se a uma realidade histórica e, ao mesmo tempo, reconhecer os processos biográficos e a busca da identidade do poeta João Cabral. Seu trabalho com a palavra se faz na construção das imagens e dos fatos, pois não existe para ele poesia sem os acontecimentos e sem História. Assim, a abordagem do contexto histórico que origina a obra literária se coloca como compreensão da própria obra. Poesia com a qual se estabelece um diálogo constante, na perspectiva de pensar conceitos importantes como espaço e cultura. Analisa-se, ainda, a junção entre história e literatura, evidenciando-se que a palavra poética apresenta tempos e memória. Neste caso, a pesquisa propõe um novo olhar histórico que se utiliza de uma obra poética como fonte. Pondera, também, uma obra literária como percepção crítica e histórica da sociedade de Pernambuco dos anos 50. Talvez este seja um caminho possível de contribuir para a superação do desvão que separa as paisagens de sonho.

Palavras-chave: Poesia, História, Tempo, Espaço, Cultura e Memória.

ABSTRACT

The thesis deals with relations between History and Literature to reflect the “being” and Recife as a city. Study about the poet João Cabral de Melo Neto through his book “Morte e Vida Severina”, written in 1954, which is a dramatic poem that approaches the tough life of the people from the Northeast Brazil and its social and historical aspects. In his literature, João Cabral mixes the historical moment to biographical elements in order to achieve an identity as a poet, he deals with images and facts, and consequently he can't consider poetry without History. Thus, the comprehension of João Cabral poetry depends on the comprehension of the historical moment, since the text dialogs constantly with concepts as culture and space. This research analyzes the connection between History and Literature, in order to show the poetry as a reflection of time and memory. This study uses a literary composition as its main source to investigate the Pernambuco society through the 50's. Maybe this is the way to contribute to overcoming the ever-growing gap that separates the dream-like landscapes from daily life's.

Key-words: Poem, Historian, Memorials, Time, Space and Culture.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO – PREPARAÇÃO PARA O CAMINHO..... | 09 |
| I – O POETA E O RIO DA VIDA..... | 20 |
| 1.1 PEREGRINOS NO TEMPO..... | 40 |
| 1.2 REPRESENTAÇÃO E HISTÓRIA..... | 47 |
| II – O POEMA E A SOCIEDADE..... | 55 |
| 2.1 UM ROSÁRIO DE INFLUÊNCIAS..... | 77 |
| 2.2 SOMOS TODOS SEVERINOS ?..... | 94 |
| III – O RIO CAPIBARIBE..... | 103 |
| 3.1 O TEMPO E O RIO..... | 112 |
| 3.2 O RIO E AS SECAS..... | 124 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 138 |
| FONTES E BIBLIOGRAFIA..... | 149 |
| ANEXOS..... | 158 |

**INTRODUÇÃO:
PREPARAÇÃO PARA O CAMINHO**

Para quem pretende se aventurar nesta grande jornada, vale seguir algumas dicas. Os caminhos podem ser percorridos de vários modos, sendo uns mais rápidos, como de avião, uns mais perigosos, como de carro, e uns que necessitam de um certo equilíbrio, como de bicicleta. Porém, este caminho deve ser feito da maneira mais simples, mas nem por isso mais fácil. Deve-se seguir o percurso passo a passo, a pé.

Ao caminhar podemos olhar o mundo, a paisagem, o homem e as coisas de um modo diferente. Podemos, ainda, prestar atenção em pequenos detalhes, sorrir, sofrer, pensar, sonhar, encontrar e conversar com as pessoas. Sempre que caminhamos tentamos, de certo modo, nos encontrar.

Durante esta jornada, os primeiros passos devem ser dados com o intuito de enveredar por paisagens de minha própria jornada para realização desta dissertação. Assim, será possível entender que muitas vezes seguimos caminhos diferentes em nossas vidas, com muitos obstáculos, mas sempre a partir de escolhas.

O meu primeiro passo para o caminho que se percorrerá nesta dissertação foi dado logo que ingressei na graduação em História pela PUC-SP, no ano de 2000. Durante a graduação, tive a oportunidade de ter como professora de História Ibérica a Dra. Maria Angélica Soler. Partindo de discussões sobre o ofício da história e o uso de seus documentos, iniciei a minha pesquisa de Iniciação Científica (2001), já com o mesmo objeto de estudo do presente trabalho, o poeta João Cabral de Melo Neto. Porém, minha pesquisa andava por outros caminhos. Caminhos feitos pelo poeta em Recife e Sevilha, cidades depositárias de culturas que se entrelaçam e se complementam por intermédio de seus rios Capibaribe e Guadalquivir.

Hoje, a dissertação que será percorrida por olhares diversos fala sobre um novo caminhar: o caminho que as palavras de João Cabral de Melo Neto fazem em sua obra mais conhecida, “Morte e vida Severina - Auto de Natal Pernambucano”, de 1954-55. Este poema dramático percorre o curso do rio da vida severina e nos leva a refletir sobre questões sociais e históricas que procuram levantar um retrato das condições e dos problemas sociais do homem nordestino.

Durante todos esses anos em que li e reli “Morte e Vida Severina”, cruzei com muitas leituras diferentes e interessantes, mas

não posso dizer que tenha feito de alguma delas, em qualquer sentido, a minha própria.

A escolha do título para este percurso vem destas releituras e buscas de melhores maneiras de caminhar pela vida. O título “Ser(tão) Severino” nos apresenta uma força do ser que se encontra em um deserto de questionamentos, ilusões e esperanças. Ser que, ao caminhar sem, a princípio, saber o motivo da jornada, adquire força de mudança e de crescimento na existência.

O tema sobre o qual me debruço para confeccionar este trabalho está diretamente relacionado às preocupações surgidas durante o período em que fui monitora da disciplina América (na PUC-SP). Tal período se caracterizou como de aprofundamento do conhecimento historiográfico latino-americano não apenas ao possibilitar o reconhecimento de temáticas comuns, mas também ao incitar o desenvolvimento de estudos comparativos sobre abordagens, tratamentos e conceitos que viabilizaram a ampliação do campo de reflexões sobre a realidade brasileira.

Nesta confluência entre palavra poética e História talvez se localize alguns temas abordados pelos dois campos (história e literatura), tais como memória, tempo, representação, espaço, cidade,

cultura e homem. O texto poético, conforme afirma Paul Valéry, se assemelha a uma partitura musical, cujo valor é polivalente e está sujeito a diferentes interpretações.¹

Para se compreender esta poesia, faz-se necessário conhecer a sua História produtiva, uma vez que a composição poética em si já é multidimensional, constituindo-se de pensamentos, imagens e ritmos próprios que se interligam. Portanto, no decorrer deste estudo, caminhar-se-á pelo mundo da poesia, que aqui é entendido como um local de travessia da História.

O uso da palavra transforma a História. A palavra literária tenta entender a natureza do tempo que articula arranjos próprios para constituir um tempo histórico. Em João Cabral, “o real se representa mais enquanto evento do que enquanto sistema”.² Como se pela palavra fosse possível ao poeta e ao leitor reconquistar, de repente, a intuição da vida em si mesma como resistência e recuperação dos sentidos da existência.

O poeta se embrenha na realidade do contexto social de sua terra natal, Pernambuco, e flerta com a história social, ao invés de se

¹ ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio - uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas cidades, 1973.

² SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: A poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória, 1985. p.117.

recolher apenas ao território protegido da ficção. Produz, assim, uma poesia que rompe palavras como pedras brutas, lapidando e trabalhando as imagens e, concomitantemente, reduzindo-as para apresentar o essencial. Em suma, sua poesia quer ser como uma pedra que é lançada para incomodar o nosso olhar sobre a vida.

João Cabral se afastou das formas eruditas de escrita e se aproximou das raízes populares da literatura de cordel. Era o grande mestre do verso depurado e seco como a paisagem do sertão em dias de estiagem; era preciso e sem floreio.

“Morte e vida Severina” trata-se de uma obra destinada ao povo. Como se verá durante o caminho desta dissertação, o verso utilizado é popular, semelhante a uma ladainha e àqueles encontrados em cordéis.

A obra possui uma particularidade, que consiste na inversão de uma trama para poema³, algo incomum, em que o passado mistura-se aos labirintos complexos do presente. A poesia é um produto de uma sociedade e de uma história, mas o seu modo de ser histórico é contraditório. A operação poética constitui-se de uma inversão ou conversão do fluir da temporalidade.

³ Durante toda a dissertação, utilizar-se-á o poema “Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano” retirado da seguinte obra: MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa: volume único*. Organização de Marly de Oliveira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

A poesia de João Cabral é baseada no trabalho com a palavra e tece uma clara e racional construção de imagens, fatos e valores que expressam o próprio homem e a sua realidade. Possibilita, assim, a entrada para o mundo fascinante da História e da cultura nordestina: “[...] sua consciência não atua em abstrato vazio, mas se nutre de tudo o que tece a experiência do ser humano.”⁴

O poeta João Cabral percorre os caminhos da ficção, da história e da memória na inevitável reflexão sobre o homem. Pode-se compreender que “a identidade do indivíduo realiza-se na construção da identidade dos lugares e o ir e vir ou permanecer em ‘um lugar’ pressupõe uma relação entre a necessidade e sua superação – condição do ser”.⁵

João Cabral, em muitas ocasiões, é associado à figura de um poeta seco e áspero. É conhecido também por suas palavras críticas, nas quais acentua as suas impressões e as suas representações do mundo e da sua geografia. Ao juntar palavras com experiência e experiência com palavras, o poeta caminha em direção à história que ressoa a vida ou nos prepara para ela.

⁴ ESCOREL, Lauro. Op. cit., 1973. p.50.

⁵ SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002. p.23-28.

Ao percorrer as páginas da obra “Morte e vida Severina”, o leitor depara-se com esta larga e tentadora jornada que atravessa várias paisagens. A cidade do Recife, a seca, os rios, os sertanejos e os mais variados caminhos que fazem parte de estratégias de sobrevivência são abordados nesta obra.

Nesse sentido, esta pesquisa tem como objeto de estudo o poeta João Cabral de Melo Neto, que, por meio de sua palavra, apresenta seu tempo e a História de seu povo nordestino. Como ele próprio define: “Eu detesto tudo que está desligado da realidade. Eu nasci sem transcendência. Eu sou incapaz de transcendência.”⁶

Seu trabalho com a palavra se faz na construção das imagens e dos fatos, pois, para ele, não existe poesia sem os acontecimentos e sem a História. Ou, como diz Octavio Paz, “não existe uma sociedade sem poesia nem uma poesia sem sociedade”.⁷

Deve-se entender a poesia como o habitar do tempo, da sociedade e da arte. A poesia e a sociedade têm uma relação de troca recíproca; assim, a vida social é poetizada e a palavra poética é socializada. Nessa perspectiva, a representação do social passa, necessariamente, do imaginário individual para o coletivo, local

⁶ *Revista 34 Letras*. 1989. p.29.

⁷ PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

propício para a criação de uma obra de arte como “Morte e Vida Severina”.

Pode-se afirmar, assim, que o poeta é uma figura central na sociedade, uma vez que, com o seu trabalho engenhoso, constrói e apresenta identidades sociais. O poema é um produto de uma ação criadora que problematiza o real. Segundo Otávio Paz, “através da poesia revela-se um mundo e cria-se outro.”⁸

O percurso da presente dissertação divide-se em três capítulos, que, no entanto, devem ser entendidos como partes de um todo, como um trajeto sinuoso que não só representa, mas é composto de palavra, tempo e memórias.

No primeiro capítulo, momento em que se conhecerá o percurso do rio da vida do poeta João Cabral de Melo Neto, verificar-se-á caminhos trilhados por intermédio do estudo da História, da Literatura e das suas representações. Tais caminhos, conforme se notará, são rochosos, secos, cheios de espinhos e com múltiplas saídas, pois neste sertão de palavras serão apresentados os ofícios do poeta e do historiador.

Paz, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

No segundo capítulo abordar-se-á a religiosidade presente no poema “Morte e vida Severina”. O símbolo do rosário se fará muito importante para o entendimento desta procissão, assim como o período da caminhada, momento de repetição e contemplação dos mistérios da vida. As reflexões se pautarão na linguagem desta composição poética, assim como nas suas influências e na cultura e sociedade que retrata. Abordar-se-á, ainda, a denúncia social e a imagem do retirante Severino, guia do questionamento deste estudo.

No terceiro capítulo, a partir do rio Capibaribe, fio condutor da presente reflexão, apresentar-se-á o caminho que leva o homem – Severino – da seca até a sonhada cidade do Recife. Além do caminho, o espaço, o tempo, o cenário, a paisagem, o rio e suas beiras e as secas retratados em “Morte e vida Severina” se tornarão conhecidos.

Espera-se que os três capítulos aqui reunidos permitam determinar os principais conceitos que atravessaram a disciplina histórica. Neles, nota-se que o poema de João Cabral deve ser lido junto com a realidade social, econômica, política e cultural desta região marcada pela miséria, pois é por intermédio desta união que se pode entender a realidade identificada com o cotidiano do povo nordestino e fazer uma leitura que religue a poesia à História.

Dessa forma, este trabalho tem como finalidade contribuir para a compreensão da sociedade em que vivemos, já que para tanto não basta a sua mera descrição política e social, sendo preciso formar uma consciência crítica e perceber as contradições que engendram o movimento histórico.

Agora, dá-se início a esta enorme jornada da escrita na história e reflete-se saberes na árdua tarefa de revelar o caminho traçado entre os acontecimentos e as suas estruturas.

I – O POETA E O RIO DA VIDA

“[...] E neste rio indigente,
sangue-lama que circula
entre cimento e esclerose
com sua marcha quase nula,
e na gente se estagna
nas mucosas deste rio
morrendo de apodrecer
vidas inteiras a fio,
poderis aprender que o homem
é sempre a melhor medida
Mas: que a medida do homem
não é a morte mas a vida.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO⁹

A tarefa de percorrer as páginas da obra mais conhecida do poeta João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina - Auto de Natal Pernambucano* (1954-55), envolve uma larga jornada.

João Cabral de Melo Neto, pernambucano, filho e neto de dono de engenho, “saltou para dentro da vida” no ano de 1920. Desde muito moço, este versejador, parente de Manuel Bandeira e de Gilberto Freyre, manifestou interesse pela palavra poética e pela leitura de cordéis. Em 1930¹⁰ mudou-se para Recife¹¹, onde ingressou no

⁹ Pregão turístico do Recife, jornal do Brasil de março de 1956.

¹⁰ Em 1930, o engenho de seu pai, “Dois irmãos”, foi assaltado. Com a invasão, a família foi morar em Recife.

¹¹ O nome da capital Recife, como se sabe, deriva de uma muralha de pedras que se ergue em linha reta ao longo de seu litoral. Sobre esses arrecifes, Charles Darwin escreveu: “Duvido que em todo o mundo haja outra estrutura natural que apresente um

Colégio de Ponte D'Uchoa, dos Irmãos Maristas, e permaneceu até concluir o ensino secundário, aos 15 anos. O próprio poeta esclarece melhor este momento de sua vida:

Minha família não era rica, era tradicional. Não tive infância luxuosa. Aqueles luxos que certos escritores atribuem ao engenho devem ter sido no princípio da Colônia. Nenhum dos engenhos¹² de meu pai tinha luz elétrica [...]. Eu fiquei no engenho do Poço do Aleixo antes de me alfabetizar. Então o meu pai foi morar no Recife, e nos tínhamos uma professora, a dona Natália, para mim e meu irmão. Depois que nos estávamos suficientemente alfabetizados, entramos para o Colégio Marista [...].¹³

Em 1930, João Cabral, filho de oligarquia de cana-de-açúcar decadente, integrou o momento histórico de desterro em direção à cidade e à modernidade. Neste trajeto novo de vida, a realidade da cidade de Recife, então caracterizada pelo contraste entre os retirantes fugitivos da seca e da miséria dos manguezais e os ricos casarões e engenhos, afetou o poeta e, por conseguinte, a sua obra. Tal realidade incitou os seus grandes questionamentos:

aspecto tão artificial." DARWIN, Charles. *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo*. Tradução de J. Carvalho. São Paulo: Cia. Editora, s/d. Cap. XXI. "O objeto mais curioso que observei nesta vizinhança foi o Recife que forma o ancoradouro. Duvido que em todo o mundo haja outra estrutura natural que apresente aspecto tão artificial. Percorre uma extensão de vários quilômetros em absoluta linha reta, paralela à praia e pouco distante desta."

¹² João Cabral foi criado em Poço do Aleixo, no município de São Lourenço da Mata. Na época de crise do açúcar, o engenho do Poço foi vendido e seu pai comprou outros dois engenhos no município de Moreno: Dois Irmãos e Pacoval.

¹³ Entrevista concedida a Augusto Massi. *Folha de S.Paulo*. Caderno Letras. São Paulo, 30 mar. 1991.

E, afinal de contas, por que é que eu escrevi sobre miséria de Pernambuco, se eu sou de uma família de senhores de engenho, portanto, exploradores daquela gente e, portanto, responsáveis por aquela miséria? Eu não sou filho de mucambeiro.¹⁴

Esta contradição e estes questionamentos sempre estiveram presentes nos trabalhos do poeta, conforme se verificará em futuras reflexões. Pode-se entender, com isto, que João Cabral não evocou ou reviveu um tempo e um espaço perdido. “A construção do futuro, para o poeta, passa pela destruição das ilusões trazidas pela memória e pela afirmação do presente como momento de transformação.”¹⁵

Deve-se também levar em conta as transformações vividas pelo país em 1930, bem como o questionamento das tradicionais oligarquias, os efeitos da crise econômica mundial e os choques ideológicos. Todos estes itens formaram um cenário amplo e propício ao desenvolvimento literário caracterizado pela denúncia social.

O período compreendido entre os anos de 1930 e 1945 foi de grandes transformações no Brasil. Nesta época, uma grande produção literária refletiu um conturbado momento histórico: no âmbito

¹⁴ MELO NETO, João Cabral de. *Resposta ao poeta Sebastião Uchoa Leite*. n°3. Rio de Janeiro: 34 Letras, mar. 1989.

¹⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999. p.262.

internacional, vivia-se a depressão econômica, o avanço do nazifascismo e a Segunda Guerra Mundial; já no âmbito interno, dava-se a ascensão de Getúlio Vargas e a mudança de paradigma político de oligarquias da República para o populismo do Estado Novo. O universo temático se ampliou e artistas preocupados com o destino dos homens se evidenciaram.

Em 1942, nesta efervescência social e crítica, João Cabral surgiu como poeta e lançou o livro “Pedra do Sono”. Pertencente à geração de 45 – considerando-se apenas o critério cronológico –, ele é um caso particular na evolução da composição poética brasileira moderna, pois sua poesia se caracteriza pela objetividade na constatação do cotidiano. João Cabral explica com ironia o fato de pertencer a tal geração:

[...] sou da Geração de 45 porque todos os que se consideram assim são meus contemporâneos. Mas se meus pais tivessem me perguntado se eu queria nascer, eu indagaria se havia algum risco. Eles me responderiam: Vão inventar a Geração de 45.¹⁶

Em 1946, João Cabral ingressou no Departamento Cultural do Itamaraty, passando a residir em diferentes locais, entre os quais Barcelona, Catalunha e Londres. Neste momento, o processo de

¹⁶ Entrevista concedida a Jeová Franklin. *Diário de Pernambuco*. Recife, 04 maio 1969.

formação do método poético cabralino foi marcado pela publicação dos seus primeiros livros e pela substituição do trabalho como assistente no DASP – Departamento Administrativo do Serviço Público – pelo serviço diplomático. Na década de 50, o poeta apresentou uma poesia cada vez mais preocupada com a temática social do seu Nordeste.

No ano de 1952, João Cabral foi removido para o Brasil para responder a um inquérito em que era acusado de subversão. O diplomata Mário Calábria¹⁷ foi o responsável pela denúncia que apontava João Cabral como comunista (depois de interceptar uma carta a Paulo Cotrim¹⁸, solicitando um artigo para uma revista do Partido Trabalhista Inglês), o que levaria o poeta a ser desligado do serviço diplomático, ao qual seria reintegrado em 1954.

Sua primeira obra deste momento foi “O cão sem plumas” (1950), seguida de “O rio ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife” (1953) e, finalmente, “Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano” (1954-55). Estas três composições literárias abordam a agudeza da vida por intermédio do

¹⁷ Diplomata, filho de pai imigrante italiano e mãe mato-grossense e autor do livro “Memórias: de Corumbá a Berlim”, que introduz o leitor nos bastidores da diplomacia brasileira.

¹⁸ Embaixador Paulo Cotrim Rodrigues Pereira.

uso da palavra e da imagem do rio Capibaribe. O poema “O cão sem plumas”, mais especificamente, apresenta uma tragédia social, o drama da miséria nordestina, e retrata a memória do rio Capibaribe (assim como a dos homens) como imposição do real:

João Cabral é, assim, talvez o mais ligado poeta ao rio. O Capibaribe comparece assiduamente em sua temática. Já uma vez ele o comparara a um “cão sem plumas”. [...] Rio ponte, criador da planície aluvial do Recife teatro cultivado pioneiro da cana-de-açúcar, via de acesso ao interior.¹⁹

Um dos principais fatores que motivaram a escrita do poema “O cão sem Plumias” foi a leitura feita pelo poeta da revista “El Observador Económico”, na qual se afirmava que a expectativa de vida no Recife era menor do que na Índia. Impressionado com esta notícia, o poeta retratou em “O cão sem plumas” o próprio rio Capibaribe recolhendo os detritos de Recife e constatando a dureza da seca da vida sertaneja. Nesta obra, as imagens são formadas seguindo uma seqüência progressiva que apresenta impressões da memória:

¹⁹ VAMIREH, Chacom. *O Capibaribe e o Recife – História social e sentimental de um rio*. Recife: [s.n.], 1959. p.126/134.

IV
Aquele rio
está na memória
como um cão vivo
dentro de uma sala.
[...] como todo o real
é espesso
Aquele rio
é espesso e real.
Como uma maçã
é espessa.
[...] Como é mais espesso
um homem
do que o sangue de um cachorro.
Como é muito mais espesso
o sangue de um homem
do que o sonho de um homem.²⁰

João Cabral registra a qualidade na vida que se caracteriza como um simples cão sem plumas, frescuras ou enfeites. O poeta, em uma entrevista concedida a Jorge Laclette em 21 de junho de 1953, diz:

[...] as duas primeiras partes de *O cão sem plumas* descrevem a paisagem do Capibaribe, uma aparência descrita por mim. A terceira parte é uma espécie de fábula da formação do Recife pelo rio. O aumento da área da cidade por obra do rio esta acontecendo na realidade. [...]²¹

Para João Cabral, o rio Capibaribe é o personagem que prepara a luta entre as suas águas e as do mar para o momento do

²⁰ MELO NETO, João Cabral de. *O cão sem plumas*. Barcelona: O livro inconsútil, 1950.

²¹ ATHAYDE, Félix de. *Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Mogi das Cruzes, S.P: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998. p.103.

encontro de ambas. O rio pântano resiste à força do oceano que ameaça o mangue, recuperando a vida porque vive e não adormece. O que é ralo fica denso como o sangue de um homem, "que é muito mais espesso do que o [seu] sonho [...]".

O Capibaribe atravessa muitos povoados, mas quase não varia de paisagem; apenas os nomes dos municípios se diversificam. A poesia é a da morte seca no início do seu percurso, no Agreste. Na medida em que o Capibaribe chega próximo ao Recife, a poesia é morte lama.

Já no poema "O rio ou a relação da viagem que faz o Capibaribe de sua nascente à cidade do Recife", este personagem possui visão e descreve sua experiência no percurso. Ou seja, o próprio rio Capibaribe conta o que se passa e o que ele vê no seu transcurso, além de conversar com seu possível interlocutor:

[...] Eu já nasci descendo
a serra que se diz do Jacarará,
entre caraibeiras
de que só sei por ouvir contar
(pois, também como gente,
não consigo me lembrar
dessas primeiras léguas
de meu caminhar).
Desde tudo me lembro,
lembro-me bem de que baixava
entre terras de sede
que de margens me vigiavam.

Rio menino, eu temia
Aquela grande sede de palha,
Grande sede sem fundo
Que águas meninas cobiçava.

Vale notar, ainda, a profunda relação do poeta com o rio Capibaribe, rio de sua infância, rio que é vida:

O rio é o meu Capibaribe. Nasci em suas beiras e sempre morei perto. No poema, o rio conta tudo o que vai vendo, desde que nasce até continuar pelo mar, ao chegar no porto do Recife, onde se junta com uma porção de rios. É o livro que escrevi com mais facilidade. Foi Vinicius de Moraes quem me animou a escrever e quem levou pessoalmente o livro a São Paulo para inscreve-lo no concurso do IV Centenário.²²

O poeta busca detalhar o movimento real do cotidiano e, para tanto, flagra a natureza precisa das palavras para explicar o seu Nordeste:

Há dois nordestes: o do litoral, onde havia mata e hoje há cana, e o do Sertão. Fui criado em engenho de açúcar. A grande maioria dos meus poemas trata de temas da zona da Mata. Há poucos poemas sobre o Sertão. Entretanto, a minha forma é mais sertaneja. Não sei por que escrevo árido, se é influência da aridez do Nordeste. Mas, veja que Castro Alves, José Lins do Rego e Gilberto Freyre são do Nordeste e não são áridos. Ao contrário de Graciliano Ramos, que é árido também. Agora, é claro que recebi influências culturais. Não posso falar sobre temas dos pampas, que não vivi. Seria falso.²³

²² Com o livro *O rio*, João Cabral recebeu o Prêmio José de Anchieta do IV Centenário de São Paulo (em 1954).

²³ *Pau Brasil*. nº15. São Paulo, nov./dez. 1986.

Em sua poesia, João Cabral procura refletir sobre os tempos da memória, individual ou coletiva, valendo-se de lugares concretos para exprimi-los e materializá-los na forma de poema. Assim, o tempo perdido e re-encontrado pela memória constrói, transforma e resgata a realidade, que nem sempre é muito úmida ou seca, como seu Nordeste.

Seguindo este rio de suas memórias, o autor fechou este momento que viveu na década de 50 com a sua obra mais conhecida, *Morte e Vida Severina - Auto de Natal Pernambucano*, a pedido de Maria Clara Machado, diretora do grupo teatral Tablado, que não pôde levar ao palco a peça. O *Auto de Natal* só foi encenado 10 anos depois, no TUCA - Teatro da Universidade Católica, em São Paulo. Tal obra, segundo o poeta, não apresentou nenhuma originalidade.

Ao publicar “*Duas águas*”, em 1956, o poeta incluiu “*Morte e Vida*” como poema. Esta composição literária consiste na inversão de uma peça para poema:

Maria Clara Machado, que dirigia o Tablado, me pediu uma auto de Natal, o que não possibilita nenhuma originalidade. Qual é a obsessão de todo nordestino? O problema do retirante. [...] A Maria Clara não quis montar o espetáculo. Quando fui publicar *Duas águas*, poesia completa até 1956, e o livro estava pequeno, resolvi incluir o auto como poema.²⁴ Tirei as marcações - entra, sai, faz, diz, essa coisa toda. Cada dialogo foi transmarcado com o

²⁴ Nesta pesquisa trabalha-se a obra *Morte e Vida* como poema.

tracinho, mas não se vê quem o está dizendo. É um monologo dialogo. [...]²⁵

Por intermédio do seu olhar no mundo, João Cabral consegue transcrever em sua poesia o exercício rigoroso do trabalho com a palavra que busca a crítica social. É importante notar, ainda, que este verzejador vê em Recife o que outros poetas, por estarem acostumados à cidade, não vêem. O poeta, assim, por ter se ausentado desta urbe por um longo período e, sobretudo, por ter vivido na Europa – principalmente em Sevilha –, singulariza a cidade e seus traços essenciais:

Morte e Vida Severina é minha experiência de infância, que guardo na memória que nunca sai da cabeça, sobretudo quando estava fora. O poema é o material de qualquer nordestino, é a reflexão sobre a realidade, sem outro compromisso que não seja com a verdade.²⁶

Evidenciando a temática social, a poesia de João Cabral reflete aquilo que ele vê ou lembra de sua terra natal. O autor é capaz de recriar histórias baseadas na sua experiência e de traduzir a realidade em ficção. Nesse sentido, pode-se afirmar que somos feitos de história e de geografia, pois:

²⁵ STEEN, Edla van. *Viver e escrever*. Vol.1. Porto Alegre: L&PM, 1981.

²⁶ *O Popular*. 2º Caderno. Goiânia, 22 dez. 1981.

O poeta não vive em órbita. É um ser social, portanto, é o povo e, ao escrever, faz uso do instrumento principal da intercomunicação da sociedade, e do povo, que é a palavra. Por isso, a situação histórica, o que você parece querer dizer ao usar a expressão “influência do povo”, não só determina o poeta, sua maneira, seus termos, seus temas, sua forma, digamos, inicial de ser, mas continua a agir sobre ele durante toda as fases de sua vida criadora. Conscientemente ou não, a favor ou contra as correntes que atravessam a sociedade, o poeta é determinado pela vida social.²⁷

O poeta reencontra-se no Sertão, no Agreste, no Recife, e procura denunciar e criticar o que enxerga mais claramente nas vivências sociais nordestinas. Em boa parte de sua vida, João Cabral recolheu no cenário social nordestino, ou no cenário social espanhol, onde viveu como diplomata, as paisagens, os objetos, os fatos geográficos e históricos para compor sua obra. Para promover este encontro social, conforme já observado, ele utiliza, em grande parte de seus poemas, a evocação ao rio Capibaribe.

João Cabral é, ao mesmo tempo, pernambucano e cosmopolita, e encontra o Nordeste na sua memória. Vive o poeta, o rio de suas reminiscências infantis e juvenis, numa época em que sua sensibilidade não podia reagir ao rio tal como, mais maduro com os anos, à vida.

²⁷ *Manchete*. Rio de Janeiro, 14 ago.1976.

A obra “Morte e Vida” é marcada pela tragicidade social do Nordeste. A seqüência progressiva de imagens é construída de forma que extrema o sentido trágico dimensionado pelas impressões do real na memória.

O poeta baseia sua poesia no social e na memória. Memória que retrata a cultura de um modo diferente, explorando a sociedade e a sua ação. João Cabral, no processo de produção de sua poesia, preza o seu mundo, a sua realidade e as suas origens. Ele busca uma linguagem com raízes fixas na terra, ou seja, que não fuja da realidade. Resgata uma cidade trazida da infância nos engenhos e das histórias conhecidas por meio da leitura de cordéis.

Embora as imagens e as palavras ocorram no agora, sabe-se que elas pertencem a um momento que não existe mais.²⁸ Portanto, a memória é a intrusão das lembranças que surgem proporcionalmente com os relatos das histórias que contamos para nós mesmos ou para outros.

O poema surge como uma flor cultivada pelo poeta na seca terra, da folha de papel, ou como uma flor bela que, representando a realidade social, se protege com os espinhos da linguagem.

²⁸ ADES, César. *Múltipla memória*. Vol.4. São Paulo: Psicologia USP, 1993.

Nesse sentido, João Cabral problematiza o mundo real e exterior, conduzindo ao tempo real, com a preocupação de recuperar²⁹ o momento perdido por intermédio da memória. O poeta, porém, por sua impossibilidade, integra, sem perceber, sua vida à sua obra, em que sua memória determina, escolhe e aglutina sensações tanto do presente como do passado, para a construção de sua poesia. Tal memória, para João Cabral, é um mecanismo de elaboração textual, a base de constituição de representações comprometidas com a verossimilhança.

A memória, para o poeta, não é um dos recursos para a escrita e sim um entrada para o ofício da representação. Em um dos textos de Sergio Buarque, que parte da análise de alguns escritos de João Cabral, observa-se a seguinte idéia:

[...] as expressões mais concisas permitindo um maior ajuste entre idéias e ritmo torna-se o recurso inevitável para quem, como este poeta, visa só abolir a embriaguez, domar o mistério, como impedir que seu verso se alimente do entulho acumulado na vala comum das formas feitas. O propósito que se atribui de superar todos os automatismos o que vem da divina inspiração tanto como o que depende do costume e da memória – requeria, com a parcimônia de efeitos decorativos, uma correspondente paximonia de palavras.³⁰

²⁹ MOISES, Carlos Felipe. *Poesia e Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1977.

³⁰ HOLANDA, Sergio Buarque de. Branco sobre branco. In: _____. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.167-80.

Para João Cabral: "O poema é o eco, muitas vezes imediato da experiência. O poema traduz a experiência, transcreve e transmite."³¹ Com este eco, o poeta constrói uma poesia crítica, cuja composição é planejada de fora para dentro, tal como uma casa. O universo das palavras na poesia possibilita significados, coerência ao mundo. Como já observado em reflexões anteriores, os poemas de João Cabral voltam-se para o universo dos objetos, das paisagens, dos fatos sociais e culturais.

Durante a leitura de seus poemas, é possível perceber também uma das oposições centrais de João Cabral em sua relação com o tempo e o espaço. Tempo como dimensão que surge trabalhada pelo homem; tempo que deve ser vivido; tempo que passa. O espaço, por sua vez, é atravessado pelo tempo, e surge como dimensão da realidade social.

O tempo histórico é sempre plural. Ou seja, são várias as temporalidades em que vive a consciência do poeta e que atuam eficazmente na rede de conotação do seu discurso.³² A poesia em si já é multidimensional, e sua construção constitui-se de pensamento, imagem e ritmo próprios que se interligam como raízes de uma

³¹ OLIVEIRA, Erson Martins de. *João Cabral de Melo Neto: a poética da objetividade*. Tese (Doutorado em Comunicação no Brasil), PUC-SP, 1992. p.5.

³² BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cia. das letras, 2000. p.142.

mesma árvore. Essa árvore possui o mesmo tronco, o mesmo saber, que, com o passar da história, constitui-se de valores, de consciência e de anseios em eterna transformação. Em seus ramos são guardadas as lembranças, as crenças e as esperanças, que são mutáveis e se renovam a cada nova estação, tal como a poesia:

Ler a realidade pelo poema é sempre refazer a História. Por isso, metalinguagem e História em sua obra, interpenetram-se tão fecundamente. A historicidade de sua poesia está sempre apontando para dois espaços fundamentais, isto é, o de sua circunstância social e histórica.³³

João Cabral define a sua própria poesia em uma entrevista concedida ao Caderno de Literatura, número 1, do Instituto Moreira Sales: “Minha poesia é um esforço de presentificação, de coisificação da memória.”

A palavra poética tenta entender a natureza do tempo que articula arranjos próprios para a sua construção. A obra de João Cabral não se desfaz de uma intensa historicidade. Assim, a História (pluralidade de formas) mergulha no universo da palavra poética. Ler a realidade pelo poema é sempre refazer a história.³⁴

³³ BARBOSA, João Alexandre. Balanço de João Cabral de Melo Neto. In: _____. *Ilusões da Modernidade: notas sobre a historicidade da lírica moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1986. p.107-37.

³⁴ *Ibidem*. p.109.

O poema tem um papel fundamental como um documento que, além de registrar temporalidades, fala ao coração por meio do uso da palavra. O poema (a Arte) é vida produtiva, vida ativa, vida sensível. Não é simplesmente produzido por inspiração. Pelo contrário. Durante a leitura de uma obra de João Cabral, pode-se perceber que esta palavra não existe. Daí sua poesia freqüentemente confessar-se como um ponto de vista (histórico) sobre a linguagem, e não como um neutro espaço de onde as palavras emanariam resgatadas numa pureza original.³⁵ Como ele próprio diz:

Inspiração não tenho nunca. Aliás, como diz Auden³⁶, a poesia procura a gente até os 25 anos. Depois, é a gente que tem de procurá-la, inspirá-la. Confesso que desde o início construí minha poesia. Rendimento é uma questão de trabalho e método. De sentar todos os dias à mesma hora. O rendimento dos primeiros dias pode ser menor, mas depois se torna regular.³⁷

O que há são as palavras trabalho e pesquisa, bem como a utilização da bagagem cultural e da experiência. Ao ler sua poesia, o autor parece presente de corpo inteiro e com grande habilidade técnica.

³⁵ SCCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Fundação Nacional Pró-memória, 1985.

³⁶ W. H. Auden nasceu em York, Inglaterra, em 1907. Era poeta, dramaturgo, editor e ensaísta. Foi considerado o maior poeta inglês do século XX.

³⁷ *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 16 ago. 1968.

Para o poeta, o tempo pode ser sentido em sua amplitude quando a substância viva e física que a vida possui é utilizada. Tempo que passou, correu e se depositou. A história e as suas formas lidam com estas memórias, que, enquanto temporalidades, remetem à construção do discurso que utiliza o fato pela lapidação do evento.³⁸

Sua palavra poética possui relações densas com os tempos sociais, refletindo, assim, a história de seu pensamento crítico e do trabalho com sua memória. Isto ocorre não como uma máquina, de forma homogênea, e sim como experiência humana.

O poeta que trabalha com tema dramático é um sujeito produtor que conhece a realidade e dela recorta aquilo que move a vida cotidiana e a vivência no mundo do saber e do ser. Nessa perspectiva, a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência.³⁹

Pode-se notar que João Cabral usa a memória em seus poemas não como uma evocação saudosa e nostálgica. Assim, a produção literária é gerenciada por João Cabral com o uso lógico das palavras e a grande necessidade de estas serem ditas e ouvidas. Palavras podem assustar mais do que os fatos. Sua poesia busca no

³⁸ LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org.). *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

³⁹ BOSI, Alfredo. Op. cit., 2000. p.131.

cordel, nos autos de natal, formas de expressão mais diretas e mais comunicativas.⁴⁰

O poeta não vive em uma outra história distante ou alheia à história da formação social em que escreve. Na poesia cumpre-se o presente sem margens no tempo, de um tempo originalmente social.

O tempo é o modo pelo qual o poeta tece e formula conexões com a tradição e define trajetórias por intermédio de movimentos cíclicos. O poeta reproduz a memória histórica a partir da trama engendrada por um fato, a seca, que determina o desenrolar e o caminhar na história. Para o poeta:

a matéria da obra de um poeta, a palavra, é de natureza mais portátil e permite que se a conduza na memória e que se repita, indefinidamente, no bonde, no banheiro, no trabalho!⁴¹

Enfim, o poeta João Cabral apresenta suas memórias poéticas e, ao mesmo tempo, recompõe e reconstrói a cidade de Recife – uma urbe trazida da infância dos engenhos e das histórias conhecidas e aprendidas por meio da leitura de cordéis, bem como de sua experiência e pesquisa – e o homem que a habita. Dessa maneira,

⁴⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Op. cit., 1999. p.255.

⁴¹ SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

sua obra torna-se sinônimo de origem e síntese das representações urbanas que marcam a memória do poeta.

Assim, a letra assume o lugar da voz como mecanismo possível de recuperação de um tempo passado que gradativamente se perde e se rompe frente às artimanhas modernas que refutam a tradição e defendem a importância do novo.

1.1 PEREGRINOS NO TEMPO

A seguir, pretende-se refletir sobre a questão do uso da escrita poética como fonte de pesquisa, uma preocupação constante da presente dissertação. Possuirá competência a poesia para cumprir uma função histórica? E o contexto histórico?

História e Literatura são diferentes modalidades de apropriação do texto e da linguagem. Ambas são compostas por palavras que consideram o mundo dos objetos e dos conceitos como relações do mundo social, cujas regras permitem a produção do sentido da realidade. Varga Llosa também reflete sobre esta idéia:

Qual a diferença entre ficção e um artigo de jornal ou um livro de história? Não são todos compostos de palavras? Não aprisionam todos eles no tempo artificial da narração a torrente sem limites que é o tempo real? Minha resposta é que são sistemas opostos de aproximação da realidade.⁴²

O contexto vivenciado pelo autor ou a composição literária como documento da história induz à necessidade de um termo que classifique a escrita da obra. Essa preocupação aproxima história e

⁴² MANGUEL, Alberto. *No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.123.

literatura, não importando o procedimento utilizado na tentativa de disposição de tal texto. Mas, apesar desses sinais factuais, a poesia é um texto ficcional.

Os textos dos historiadores, que, muitas vezes, se baseiam nos mesmos dados utilizados pelos literatos, são aceitos como relatos factuais de eventos. A preocupação de estudiosos do tema parece ser com relação à posição do autor durante a elaboração do texto, como se ele fosse colocado contra a parede, verificando-se, assim, se escreveu integralmente os fatos ou se os moldou. Porém, não se pode esquecer que o historiador recorta, elege, opta, de acordo com suas impressões pessoais, de forma semelhante ao poeta, que monta sua obra e oferece aos seus leitores um olhar fragmentado da realidade.

A linha divisória entre História e Literatura é, freqüentemente, difícil de ser traçada. Diversas vezes, a Literatura contou o que a História não podia contar.

Deve-se entender também que a relação do texto com o real não representa supostos reflexos da realidade histórica. O real assume, desta forma, um novo sentido:

[...] o que é real, de fato, não é somente a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e na estratégia de sua escritura.⁴³

A perspectiva que é apresentada, tanto pelo poeta quanto pelo historiador, é apenas uma das várias possibilidades interpretativas do evento.

Nota-se, assim, que a função da narrativa (histórica ou literária) está ligada à intenção de quem narra. Assim, o relato histórico diferencia-se do ficcional. A intenção do literato sempre será a de expor um universo de ficção; ao historiador caberá a árdua tarefa de mostrar o como e o porquê dos acontecimentos. O ideal entre narrativa histórica e literária não é que uma se curve diante da outra, mas que ambas atuem de forma cooperativa, questionando-se e iluminando-se reciprocamente.

Em resumo, a escrita da história está empenhada na tarefa de revelar o relacionamento do evento e da sua estrutura, apresentando interpretações e pontos de vista múltiplos sobre o fato.

Não seria errado afirmar que João Cabral viveu ou imaginou os fatos que escreveu, já que toda escrita parte de uma experiência vivida, que pode ser, no entanto, física ou reflexiva.

⁴³ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações - Memória e Sociedade*. São Paulo: DIFEL, 1996. p.56.

O poeta vive o fato de modo íntimo. Para ele, não importa se fez ou não parte do evento de forma concreta; o que importa é a sua interpretação, a sua leitura do fato. O historiador, por sua vez, escreve acontecimentos pesquisados e analisados, oferecendo conclusões obtidas a partir de interpretações.

O direcionamento para o real é um traço constitutivo da obra de João Cabral, o que faz com que a realidade possa ser espelhada no seu texto. Isto não impede, entretanto, que se afirme que esta impressão de realidade é mediatizada pelo procedimento do fazer artístico.⁴⁴

Se o poeta e o historiador escrevem a partir de suas vivências físicas ou reflexivas, talvez a certeza da validade narrativa como documento histórico demonstre o tipo de vivências pelas quais cada um passa para construir seu texto. Para Hayden White, o estilo historiográfico exprime uma combinação particular de modos de elaboração e implicação ideológica em que a argumentação supõe uma operação cognitiva e a construção do enredo uma percepção do passado.

⁴⁴ RODRIGUES, Elisabete Alfeld. *As mídias e a migração de um texto "Morte e Vida Severina"*. Tese (Doutorado em Comunicação no Brasil), UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992. p.42.

Investigar tal combinação pode ser o pontapé inicial para se encontrar respostas às indagações feitas anteriormente. Essa procura leva à reflexão sobre a jornada feita até aqui, pois tanto o poeta como o historiador podem vivenciar os acontecimentos por meio das mesmas fontes, sejam elas arquivos documentais, entrevistas, mapas ou conhecimentos de determinado grupo social. No entanto, embora possam ser aparentemente as mesmas, tais fontes são absorvidas e expostas durante a construção da narrativa de maneiras diferentes.

Nesse sentido, a problemática está na construção do relato escrito, nos campos ficcional e histórico, ambos relacionados ao social.

Na poesia, como já demonstrado, podem coexistir vários espaços e tempos. Porém, há apenas um mundo histórico, do qual o historiador retira suas conclusões com o auxílio das evidências oferecidas pelas fontes.

É necessário chegar à reflexão e à interpretação para se produzir qualquer relato, uma vez que este deve partir do conhecimento e da análise dos acontecimentos. Como já afirmava Braudel: “Querer refletir antes de conhecer é estupidez.” Quanto às fontes, estas passam a depender do uso do escritor, literato ou

historiador. O mais importante é a sua utilização e o que se constrói com elas.

A grande diferença está na função da narrativa e na forma do relato histórico do ficcional. A finalidade do poeta será, sempre, a de mostrar um universo de ficção. Já o historiador se incumbirá do penoso trabalho de mostrar o como e o porquê dos acontecimentos interpretados para a criação da obra literária. Sobre o seu trabalho, pode-se afirmar que:

[...] é primeiramente como herdeiros que os historiadores se colocam em relação ao passado antes de se colocarem como mestres artesãos das narrativas que fazem do passado. Essa noção de Herança pressupõe que, de um certo modo, o passado se perpetua no presente e assim o afeta.⁴⁵

O interessante de se poder estudar história e literatura é a possibilidade de se encontrar e dialogar com outros questionamentos, já que os encontros de disciplinas podem inventar questões novas e forjar instrumentos de compreensão mais rigorosos e abrangentes da vida social.

Mesmo quando o poeta fala do seu tempo, da sua experiência, ele o faz de um modo que não pode ser considerado senso comum,

⁴⁵ RICOEUR, Paul. *"Histoire et rhétorique"*. Diogène, p.9-26. Citação, p.24-25.

fortemente ideologizado; mas de outro, que fica na memória infinitamente rica da linguagem.⁴⁶

Ao interrogar-se a poesia como fonte para o historiador, deve-se lembrar do que um dia afirmou o poeta T. S. Elliot:

(o tempo não pode ser alterado pelo homem
ele dá a cada um de nós um começo e um fim.
E isso nos faz questionar o significado do que surge “entre”.
Mas se você pode criar alguma coisa que o tempo pode corroer,
algo que ignore as excentricidades de certas eras ou momentos,
Algo verdadeiramente intemporal,
Esta é a última vitória.)

Enfim, a poesia de João Cabral possibilita aos seus leitores este exercício de questionamentos e os ensina que o mais importante em uma longa jornada, a vida, é o como fazer a travessia. Mais importante do que o objetivo final é o percurso que se atravessa para alcançá-lo. E um bom exemplo disso está representado na obra “Morte e Vida Severina”. Como um homem, mesmo com sua vida Severina, supera obstáculos e dá sentido à sua existência para habitar o tempo.

⁴⁶ BOSI, Alfredo. Op. cit., 2000. p.131.

1.2 REPRESENTAÇÃO E HISTÓRIA

Palavras dão coerência ao mundo e à sua história. A poesia não é espelho da vida, mas do que nele se observa. Somos feitos de história, de geografia de representações e de memória.

História e literatura se unem na lógica empregada nas figuras de linguagens, na narrativa, na forma escrita. A poesia nada mais é que a realidade que o autor configura com elementos de sua historicidade.

A História utiliza a representação para compreender os fatos, a experiência humana, e com o questionamento cria uma problemática que explique a vida. O historiador deve ser cauteloso ao construir sua narrativa, pois a poesia constitui o social e tem um poder muito forte da palavra, que, no entanto, nem sempre é um retrato do real, podendo ser também uma representação da possível realidade.

A poesia é um texto passível de ser aproximado à percepção de história centrada no primado da representação. “O poeta é o primeiro

a dar, pela própria composição do seu texto, um significado histórico às suas representações e expressões.“⁴⁷

O tema real da obra poética é demonstrado por intermédio da maneira como o artista pensa a poesia, transformando-a em uma obra de arte, dando vez à palavra enquanto materialidade, ferramenta de trabalho. Já como símbolo, busca elementos da paisagem regional, sobre a qual o poeta rigorosamente faz uma universalização poética. E o imaginário é apresentado por meio da forma como o poeta reflete no poema sobre a idéia do fazer artístico.⁴⁸

O terceiro capítulo do livro “Olho de madeira”, intitulado “Representação - a palavra, a idéia, a coisa”⁴⁹, ajuda a entender o que é representação para a história. Carlo Ginzburg preocupa-se com o termo “representação”, que, por sua ambigüidade, provocada pelo contraste da realidade representada, em alguns momentos evoca ausência e em outros sugere presença.

Este autor destaca como ponto de partida para o entendimento desta oscilação entre substituição e evocação mimética provas documentais e hipóteses de alguns historiadores sobre a

⁴⁷ Ibidem. p.142.

⁴⁸ SILVA, Gláucia Gomes da. *Leitura de uma certa poética Cab(r)al*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, 1997.

⁴⁹ GINZBURG, Carlo. “Representação - a palavra, idéia, a coisa”. In: _____. *Olhos de Madeira - nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

“representação” de ritos funerários dos soberanos franceses e ingleses, que posicionavam manequins de cera, madeira ou couro sobre o catafalco real; o leito fúnebre vazio era coberto por um lençol mortuário, que “representava” o soberano defunto. Os ritos funerais são os mais diversos, e a sua forma depende da cultura e do contexto da sociedade em que são realizados, podendo compreender a mumificação, a cremação e o uso de manequins, entre outras práticas.

Ginzburg procura demonstrar que a representação coletiva da morte como ato social apresenta semelhanças transculturais que podem ajudar a compreender a especificidade dos fenômenos, mas não as suas permanências. Segundo este autor, a representação é feita de várias maneiras, podendo ser por meio de imagens, estátuas dos imperadores ou reis falecidos, kolossós, fantoches e esfinges, sendo que o elemento substitutivo prevalece sobre o elemento imitativo. A substituição resulta na imitação-idéia da imagem como representação.

O signo religioso, a eucaristia, os mártires, os santos e as relíquias são outros exemplos utilizados pelo mundo cristão. A imagem é a representação como auxílio para a memória.

Ao analisar a palavra “representação”, Ginzburg mostra como a idéia mimética “inova” tradições utilizando coisas como imagens para prova. A representação traz a realidade e evoca a ausência, mas, por outro lado, torna visível o que é representado e sugere presença.

Para se entender melhor esta questão, retorna-se aos gregos, principalmente a Aristóteles, que se debruçou sobre a questão da poesia e da mimesis. Contrariamente às idéias de Platão, Aristóteles⁵⁰ formula os primeiros conceitos ligados à arte, em especial à poesia, registrando o conceito de Mimese como maneira de transformação do real.

Poesia é uma nova maneira de ver e de interpretar o real. Diferentemente de Platão, que considerava a poesia uma cópia distorcida do real, Aristóteles afirmava que o mais importante na representação era o fato dela poder ou ter a capacidade de presentificar o objeto. Na arte, os processos de criação acabam por criar realidades virtuais possíveis de existir; daí o conceito aristotélico da verossimilhança.

Portanto, o processo imitativo ou de representação traz consigo uma relação inerente de semelhança ou dessemelhança que se

⁵⁰ ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

confirma quando o imitado é confrontado com o modelo original. É nessa perspectiva que toda imagem reproduzida é presença e ausência de seu modelo. Toda representação revela a natureza que a envolve. Ainda que toda representação ambicione chegar bem próximo ao objeto imitado, ela será sempre incompleta.

A imitação cria a representação, na qual a palavra ocupa um lugar e representa uma relação do homem com o mundo e com a realidade. A poesia é uma forma de pensar o homem, e configura, nesse sentido, uma preocupação mimética do mundo. Ela, além de apresentar a palavra, tenta transformá-la em uma não palavra, em imagem. A poesia, nesse sentido, não quer dizer, ela quer ser a mutação do que está ocorrendo.

A poesia abala e transforma por meio da transgressão, uma revolução da linguagem do leitor e da sociedade. Manipulando o verbal, ela materializa a linguagem. O poeta não quer dizer, quer trazer a imagem. Poesia não é cópia, é a representação de uma reflexão, a produção simbólica feita de palavras.

Para Aristóteles, tudo muda, então devemos observar a mudança. Não ocorre uma mudança de forma accidental, as mudanças não alteram o ser. Imitar não é copiar. É criar algo novo a partir de

algo já existente. O poeta como imitador é um criador e não um copista.

Assim, todo texto poético é um texto desejante, pois quer o real. É o espaço de busca do social por intermédio da mimese criadora. A palavra poética é a metáfora de um determinado fato histórico. Ler um texto poético é incorporá-lo; e mimetizar não é imitar, é dar outro meio, criar uma imagem, não um modelo, mas a partir do modelo o poeta cria realidades.

A mimese poética tende a imitar o homem em ação, o homem como agente, construindo a sua vida, a vida feita de atos. Através dos seus atos, da ação, o homem denuncia quem ele é, demonstrando seus pensamentos e suas angústias.

Poesia é consciência em busca do conhecimento. O poeta trabalha com possibilidades, ele não prova, ele prevê, anuncia e auxilia a razão, e para chegar a uma forma utiliza hipóteses.

Para os gregos, a poesia é uma fonte de conhecimento e o seu papel é imitativo interessado em transmitir conhecimento e reprodução de simulacros. Não é um gesto lúdico; visa preservar e transmitir conhecimento e a sua forma é o gesto mimético. Sendo assim, pode-se dizer que a poesia está indiretamente em busca do social. A poesia

tenta exprimir o inexprimível, tenta captar o que nunca se revelou, surpreendendo diferentes olhares e iluminando aspectos novos do objeto.

O poeta é aquele que provoca, que busca saídas a partir do conhecimento da realidade. Poesia não é certeza, não é cena acabada. A poesia nos oferece vários saberes, referências históricas e não certezas, mas opções. A poesia lida com o saber como uma festa, algo aberto e sem limite. Poesia não diz que sabe alguma coisa, e sim o que ela conhece.

O curioso é que essas reflexões são características da literatura, da ficção. Aristóteles dizia que a poética é superior à história, pois fala do que poderia ter sido, enquanto a história aborda o que foi. E, assim, a poética trabalha com o universal e história com o particular. No entanto, o que se vê é a história com todas as suas enormes limitações tomando a poesia como fonte para compreender o social. Octavio Paz esclarece esta idéia:

[...] o poema, ser de palavras, vai mais além das palavras e a história não esgota o sentido do poema; mas o poema não teria sentido – nem sequer existência – sem a história, sem a comunidade que o alimenta e a qual alimenta.⁵¹

⁵¹ PAZ, Otávio. A Consagração do Instante. In: _____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p.51-62.

A palavra poética é história, considerando-se o seu sentido de um produto social e de uma condição de existência da sociedade. Como Octavio Paz define: A história é o lugar de encarnação da palavra poética. O poema é um produto histórico, é criado pelo homem, filho do tempo e do espaço.

Portanto, o poema é um produto social cuja criação transcende o histórico e necessita encarnar na história, tornando-se, assim, uma enorme fonte de pesquisa para o historiador.

II – O POEMA E A SOCIEDADE

“O homem é um ser histórico. Ele não nasce no mundo das coisas, das pessoas e do tempo como produto acabado. Seu ser não preexiste a história. Torna-se o que através da História de suas relações com o meio ambiente. Não é por conseguinte, apenas um ser no mundo. Torna-se um ser com o mundo.”⁵²

RUBEM ALVES

⁵² ALVES, Rubem. *Conversas sobre política*. Campinas, SP: Verus, 2002.

O homem, ao elaborar uma meta, um objetivo, confina-se entre muros e espaços até então inexistentes. O espaço é a forma mais representativa desta objetivação do ser em sociedade e une os homens, ao mesmo tempo em que os separa. Ele aparece como um todo fragmentado de realidades.

O espaço social reflete a estrutura da sociedade e, muitas vezes, é manipulado para aprofundar as diferenças sociais. Isto é mais visível nas cidades, que possuem várias imagens em que estão presentes as representações da urbanização. A cidade é um museu aberto de sua sociedade. É, ainda, o espaço onde convivem o passado, o presente e o futuro.

As transformações observadas na sociedade se justapõem à história da cidade do Recife. Segundo o filósofo Aristóteles: “O homem é um ser pertencente a cidade, pois é um ser possuidor da palavra. É na vivência em comum destes seres que dominam a palavra que se engendra a cidade.”⁵³

João Cabral, em “Morte e Vida Severina”, apresenta um olhar para as transformações urbanas da cidade do Recife, utilizando um signo que a caracteriza: o homem.

⁵³ CASÉ, Paulo. *A cidade desvendada - Reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano: seus mistérios e fascínios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Entre 1945 e 1950 a indústria brasileira ganhou novo ímpeto. Neste período, o Brasil passou por grandes transformações destinadas a incentivar o desenvolvimento econômico, com ênfase na industrialização. Estas mudanças, resultantes do processo de industrialização no Estado de Pernambuco, estiveram associadas à dinâmica das migrações em função da urbanização crescente e da nova tessitura das vias de circulação nacionais. Então, a cidade do Recife tornou-se um local propício para novos conflitos, como lugar geográfico e político da possibilidade de soluções.

João Cabral escreve sobre uma cidade em plena mutação e cria uma concepção original de crítica sobre o que ocorre com o seu povo, ao mesmo tempo em que revela, utilizando moldes tradicionais, a sua conexão ou fusão com a história do Recife na década de 50.

Decorrente de uma aceleração do movimento migratório, na cidade do Recife ocorreu um grande aumento demográfico. Pessoas das mais diversas origens estaduais chegaram a esta capital, o que é abordado por João Cabral da seguinte forma:

[...] qual é a obsessão do nordestino? O problema dos retirantes. O Recife é o depósito de miséria de todo o nordeste. O paraibano não emigra para João Pessoa, mas para o Recife; o alagoano emigra para o Recife; o rio-grandense do norte emigra para o

Recife. Todos esperam melhorar de vida e só encontram coisas desagradáveis [...].⁵⁴

Os empregos concentravam-se cada vez mais nas grandes cidades. No sertão nordestino, observou-se a diminuição de trabalhos e o aumento de retirantes em busca de melhores condições de vida e de serviços em regiões urbanas. Estas migrações tornaram-se mais intensas na década de 50, devido ao desenvolvimento da infraestrutura dos transportes, às novas alternativas criadas pelo impulso da economia para o mercado interno e à crescente estruturação urbana.

De um modo amplo, o processo de urbanização desta região revelou uma crescente associação com a pobreza, sobretudo nas cidades. Milton Santos esclarece: “[...] o campo brasileiro repele os pobres, e os trabalhadores da agricultura capitalizada vivem cada vez mais nos espaços urbanos. A indústria se desenvolve com a criação de pequeno número de empregos.”⁵⁵

Ocorreu, assim, um crescimento demográfico decorrente da idéia de um progresso ligado ao fenômeno da metropolização e do trabalho assalariado. Os fluxos migratórios que convergiram para a

⁵⁴ STEEN, Edla van. *Viver e escrever*. vol.1. Porto Alegre: L&PM, 1981.

⁵⁵ SANTOS, Milton. *A urbanização desigual e a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980. p.11.

cidade do Recife derivaram sobretudo da repulsão às fragilidades e distorções da economia interiorana.⁵⁶

Nessa perspectiva, deve-se notar que foi a partir do surgimento industrial, por volta de 1930, que as migrações internas tomaram ímpeto e desempenharam um papel importante na distribuição populacional. Tais migrações atingiram também os municípios periféricos, que tiveram seus fluxos migratórios aumentados consideravelmente. A população do Recife cresceu, "[...] de 1950 para 1960, de 272,2 mil habitantes, passando o total a 797,2 mil".⁵⁷

Sendo assim, vale perguntar: Quais são os fatores que acarretam a migração? Para responder a esta questão, deve-se lembrar que a migração está atrelada às mudanças econômicas, políticas, culturais, sociais e emocionais.

O retirante sai de sua terra em busca de melhorias, mas paga o preço da frustração e do desraizamento. "Suas raízes espalham-se nos planos geográfico, econômico, social e humano."⁵⁸ Tal complexo multidisciplinar, portanto, deve ser abordado em vários ângulos de reflexão, porém nunca separadamente.

⁵⁶ MELO, Mario Lacerda de. *Metropolização e subdesenvolvimento - o caso do Recife*. Recife: UFPE, 1978.

⁵⁷ *Ibidem*, p.71.

⁵⁸ *Ibidem*. p.35.

As migrações ocorridas na década de 50 podem ser divididas em dois principais tipos: episódicas e sazonais. A migração episódica acontecia em função das grandes secas, quando multidões de retirantes saíam de suas terras em busca de regiões melhores. Já a migração sazonal caracterizava o deslocamento temporário, ou seja, aquele que ocorria por apenas alguns meses. Devido à falta de oportunidades de emprego no Agreste, os retirantes buscavam ocupação principalmente nos canaviais, onde trabalhavam por um determinado período de tempo, para depois voltarem às suas cidades.

Com o aparecimento das usinas de açúcar, que mudou as relações de trabalho agrícola, os trabalhadores deixaram de ter acesso à terra para o plantio da lavoura de subsistência. Além disso, as usinas absorviam um menor número de trabalhadores, que, gradativamente, foram sendo atraídos para a capital, em busca de emprego e de melhores condições de vida. A este contingente populacional proveniente da região canavieira somavam-se outros, vindos de diferentes regiões do Estado, em decorrência de secas periódicas.⁵⁹

⁵⁹ Ibidem.

A cidade do Recife passou, então, a representar uma área de convergência de movimentos migratórios, intensificados nas décadas de 50 e 70, os quais estiveram fortemente correlacionados à sua metropolização. Entre 1960 e 1970, a população da Região Metropolitana do Recife cresceu 44,5%, sendo que neste último ano 33,5% do total da população da cidade era constituída de imigrantes.⁶⁰

O fluxo de migrantes aumentava em períodos de seca, nas variações sazonais, sendo que o destino dos retirantes era principalmente a capital Recife, que assistia a um aumento significativo de habitantes, sem, no entanto, ter condições de absorver tal demanda de forma produtiva e de promover uma integração com o seu meio urbano. Um dos resultados de tal situação foi o aparecimento de mocambos na cidade.

Apesar da política de incentivos governamentais à industrialização do Nordeste, o pólo industrial criado no Estado de Pernambuco, mais especificamente na Região Metropolitana do Recife, não foi proporcional ao crescimento demográfico, tampouco capaz de absorver a mão-de-obra disponível. Por conseguinte, apenas uma parte dos migrantes foi absorvida pelo mercado de trabalho. A

⁶⁰ Ibidem.

inserção desta mão-de-obra ocorria sobretudo no setor de comércio e serviços, no qual se registravam os mais baixos salários.

A grande maioria dos migrantes, que se encontravam desempregada ou subempregada, terminou por se fixar em favelas e áreas de invasão. Dessa forma, tal conjunto de indivíduos constitui um exemplo concreto de como a desigualdade social determina acessos distintos a espaços urbanos capazes de suprir as necessidades da população.⁶¹

Na obra “Morte e Vida Severina”, pode-se notar uma junção das duas formas de migração. Um dos trechos do poema que reflete esta conexão retrata parte da trajetória de Severino, que, por estar cansado da seca, emigra, e logo na metade do caminho pensa em procurar emprego. Conversando com uma mulher que está na janela de sua casa, o retirante diz:

Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?

Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?

⁶¹ SANTOS, M. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979.

Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.

[...] Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar:
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.

Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
O que mais fazia por lá?

[...] Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear
gado de comer do chão
ou comer ramos do ar.

Em qualquer das cinco tachas
de um bangüê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.
Com a vinda das usinas
há poucos engenhos por já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?

[...] deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o que
e, havendo ou não, trabalhar. [...]

Nesta passagem do poema compreende-se que os fluxos migratórios que convergiam para o Recife derivavam sobretudo da fragilidade da economia interiorana. A situação era agravada ainda mais pela dificuldade na obtenção de empregos no mercado de

trabalho urbano, que, como resultado, trazia péssimas condições de serviço e salários abjetos, além de baixa qualidade de habitação e de saúde.

Ao chegarem nos grandes centros, os retirantes se empregavam, em geral, em obras públicas ou em indústrias. Estes novos habitantes ajudavam a remodelar a cidade. A carência de opções de emprego decorria da falta de estrutura na cidade para absorver a mão-de-obra que vinha do sertão.

Vale observar também que esta modalidade de migração interna rural-urbana não era a única, nem a mais forte, neste período, já que no Brasil predominava o deslocamento de indivíduos de centros urbanos para outros centros urbanos. Nota-se, ainda, que na cidade não existia facilidade de emprego e que parte da população das urbes vivia da mendicância e de pequenos trabalhos.

Em decorrência desta situação, o Nordeste, neste período, dividiu-se em dois pensamentos opostos. De um lado, as reivindicações de grupos sociais. De outro, a tendência burguesa e os projetos de desenvolvimento econômico. Embora os valores fossem diferentes (capitalistas e socialistas), os dois grupos almejavam tirar o nordeste do não-progresso.

Assim, para os capitalistas, o pobre deveria adotar o modelo moderno de trabalhador assalariado, capacitado para fazer render de uma forma racional o dinheiro investido pela empresa ou pelo Estado. Já os pobres do socialismo agrário deveriam fazer uma revolução, libertando a terra do latifúndio⁶² e transformando-a em proveito de uma comunidade. Ambos projetos confiavam no homem nordestino, que, apesar do seu drama, era tido como um ser forte que sonhava, pensava e queria o progresso. No entanto, até o final dos anos de 1950 nenhum dos dois projetos foram efetivados.

Além do Recife, a grande migração atingiu também a região sul do país. Novamente, buscava-se progresso, trabalho e melhores condições de vida. Ora, sabe-se que o progresso está ligado ao avanço da ciência e dos bens materiais. É a experiência de progresso que leva a acreditar nele. Nesse sentido, a sua estagnação é, em geral, seguida de uma crise de tal idéia.⁶³

Para os retirantes, entretanto, foi sempre imposto ao espaço o sentido de progresso, sugerindo a idéia de que os homens caminhavam em direção a um bom avanço, mesmo que em sua

⁶² A obra *Morte e vida Severina* “particulariza-se mais o fenômeno da grande propriedade territorial, sendo o latifúndio expressamente referido como dado material próximo, fonte de tensões dramáticas, que a existência dos indivíduos interioriza”. NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1974. p.84.

⁶³ LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

trajetória aparecessem fracassos e recuos, dando a impressão de um retorno ao ponto de partida.

O trecho da obra “Morte e Vida Severina” que melhor reflete este debate revela Severino já exausto de sua jornada e encostando-se no muro de um cemitério⁶⁴ para descansar. Nesse momento, o personagem ouve uma conversa entre dois coveiros. O muro, então, transforma-se em um limite mais significativo do que a divisão urbana, representando uma barreira ao intuito de Severino. A seguir, no fragmento da obra de João Cabral, pode-se observar uma das mais fortes críticas à sociedade exposta nesta obra:

As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar;
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.
Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.
- Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?
Pode ser uma estação

⁶⁴ Existem vários cemitérios pernambucanos, tais como: Toritama; São Lourenço da Mata; Nossa Senhora da Luz; Casa amarela. Os Cemitérios no nordeste são e não são estranhos à paisagem. O muro quebra o contínuo do geral.

mas não estação de trem:
será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.

O diálogo entre os coveiros apresenta, primeiramente, uma preocupação ligada à organização urbana, o que pode ser notado quando “as avenidas do centro” são utilizadas para fazer referência à disposição interna dos cemitérios.

O processo de urbanização, que promove mudanças na vida social e na configuração espacial e cultural das cidades, pode ser analisado por vários ângulos. As análises, no entanto, concentram-se na sua face negativa, enfatizando, por exemplo, a marginalização, os problemas de habitação e a deterioração do espaço físico e social. A opinião dos coveiros retratados no poema assinala uma grande questão: o espaço. Os retirantes não são favorecidos nem mesmo na morte, pois a divisão urbana no campo santo é hierarquizada. Como Marlyse Meyer define:

[...] são coveiros burocratas, que discutem de promoções, gorjetas, excesso de trabalho, à freguesia, bem diversificada, nas diversificadas áreas do cemitério: afinal morte também é morte de classe. Só os retirantes mortos a granel escapam a sutilezas classificatórias.⁶⁵

⁶⁵ MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p.122.

Dessa forma, vale perguntar: Quais são as vantagens da vida cidadina? Quais benefícios a grande jornada dos retirantes pode trazer? Ao chegar na tão sonhada Recife, Severino se conscientiza de que a diluição do ambiente sagrado assemelha-se ao sistema social de exclusão. Percebe, ainda, que o cemitério, enquanto individualiza o morto, socializa a morte.

A conversa dos coveiros traz a Severino o seu mundo tão conhecido. Não conhecido enquanto paisagem dos subúrbios, tão distintos do sertão, mas enquanto mundo da vida e da morte severina. Severino sai de um cemitério procurando vida e chega a um outro onde a morte o aguarda.

Para poucos, o sepultamento é comparado a um transatlântico cheio de pompas. Para outros muitos, se assemelha a um carregamento de trem ou a uma parada de ônibus. Nesse sentido, pode-se afirmar que o poder econômico separa as pessoas e hierarquiza a morte.

Na análise deste processo de migração é possível seguir muitos caminhos. Podemos considerar que os fluxos migratórios e a urbanização são componentes inseparáveis da industrialização e do desenvolvimento urbano. Nessa perspectiva, “o planejamento urbano

é concebido como um instrumento potencial de controle dos movimentos espontâneos, e às vezes caóticos, de atividades econômicas individuais e de migrações em massa [...]”.⁶⁶ Ou apenas podemos debater a respeito dessa ação que envolve vidas, sonhos, esperanças e que, em muitos casos, reflete angústias, fracassos e frustrações:

[...] do nordeste Brasileiro, não partem tantas correntes migratórias para o sul do país, como se pensa comumente, o que, alias já demonstrou o economista Paulo Maciel em estudo para o instituto Joaquim Nabuco. O maior centro de atração do nordeste é o Recife, como se pode inferir do seu anormal crescimento de população, o que levou Gilberto Freyre a criar a conclusiva frase, quando dizia ser o Recife uma cidade inchada! Atração rural – urbana – construção de mucambos.⁶⁷

Nesse sentido, pretende-se, nesta dissertação, entender como tal discussão reflete nas correntes migratórias, que buscam melhorar sua qualidade de vida. Conforme Rattner:

As populações rurais são estimuladas a migrar para as cidades grandes, numa forma de “protesto silencioso” contra as condições de vida existentes nas áreas rurais atrasadas onde as relações de produção capitalista ainda não penetraram.⁶⁸

⁶⁶ RATTNER, Henrique. *Planejamento Urbano e Regional*. São Paulo: Nacional, 1974. p.XI.

⁶⁷ PERRUCI, Gadiel. *Favelas do Rio e mocambos do Recife*. Recife: Fundação da promoção social, 1962. p.17.

⁶⁸ RATTNER, Henrique. Op. cit., 1974. p.8.

A análise de Rattner concentra-se em aspectos como marginalização, instabilidade política e problemas de habitação, criados pela transferência descontrolada da população rural para as cidades.⁶⁹ Este tipo de migração acompanha o ritmo da industrialização e representa um aumento do contingente de mão-de-obra absorvido em atividades secundárias e terciárias.

É difícil determinar as causas diretas dessa movimentação, e não são muitos os dados referentes à migração, o que prejudica ainda mais uma análise completa. Contudo, nota-se que os fatores repulsivos nas áreas de onde partem os retirantes são mais significativos do que os de atração nas grandes cidades. Sabe-se, ainda, que a ampliação do mercado e da demanda populacional impulsiona a marginalização, o sub-emprego e o desemprego.

Em outro momento do poema de João Cabral, nota-se que nos cemitérios ocorre uma separação social de acordo com as profissões que eram exercidas pelos falecidos:

Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).

⁶⁹ Ibidem. p.6.

Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se libertaram jamais.
[...] Passo para o dos industriários,
que também é o dos ferroviários,
de todos os rodoviários
e praças-de-pré dos comerciários.
Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.
é, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.

Portanto, o espaço social, enquanto realidade social, apresenta disparidade entre os indivíduos, até mesmo nos cemitérios, que os diferenciam a partir da função praticada na sociedade. Da complexidade desta fragmentação resulta uma seleção histórica e geográfica dos indivíduos de acordo com os seus bens adquiridos em vida.

Esta representação assume a função de substituir o real incerto da nova cidade, estabelecendo nela as bases da urbe lida por João Cabral. Este conflito da chegada a um sonho que assume realidade oposta à imaginada faz com que Severino tenha que se adaptar ao novo, ao traçado urbano, à imagem do que é moderno.

O “zoneamento” é aplicado dentro do cemitério como um sistema de compartimentação dos cidadãos por áreas determinadas pelas funções e qualificações relacionadas ao trabalho. Os coveiros finalizam sua conversa resumindo a opinião dos habitantes da cidade ao verem as transformações ocorridas e o aumento da população:

[...] e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
[...] E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.
E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitério esperando.
Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.

Dessa forma, Severino, que ouve atentamente o diálogo dos coveiros, avalia a sua andança e vai percebendo que o curso da vida severina é traçado pela morte. Este trecho da obra de João Cabral evidencia a problemática da cidade, bem como a postura do poeta frente à realidade nordestina.

Severino vê durante o seu caminho a repetição da sua sina – da qual ele vinha fugindo –, como se estivesse voltando para trás. Ele, então, percebe que o seu cortejo fúnebre o acompanha e que a morte o persegue. Tem, assim, a percepção de que a única coisa que não muda é a paisagem e o cotidiano daquele que tem por sua sina nascer Severino.

A cidade é, portanto, um lugar de tensões distintas. Suas leis e convenções são tradicionais e devem ser refeitas. A cidade precisa de um outro aparato sensível e de uma percepção adequada a esta grande mudança e a nova experiência de vida. Ao chegar na tão sonhada cidade, o retirante busca abrigo:

A beira da estrada ou rio, geralmente para quando já percebe a cidade muitas vezes o cheiro salgado do mar e, descansando, em 2 dias ou 3, controí o seu mucambo que, como traço cultural, representa uma transposição de expressões rurais para a zona urbana. Chegado a cidade, o mar, o cansaço ou a morte o impedem de continuar. O processo psicológico de fuga é evidente

e, mais uma vez aqui, a sociologia está ligada à psicologia para explicar os fatos humanos.⁷⁰

A cidade do Recife reacende a sua memória quando perpetua a lembrança dos personagens que abrigou. Cidade dos rios, das pontes e dos grandes casarões, é também a cidade dos mocambos⁷¹, das choças e dos casebres.

Mocambos são habitações improvisadas onde vive uma grande massa da população do Estado. A miséria urbana do Recife é decorrente da sua adversidade rural, condicionada pelo latifúndio da cana-de-açúcar, única fonte de produção econômica da região. Os trabalhadores da monocultura açucareira vivem com salários ínfimos.

Os retirantes, ao chegarem na cidade sem qualificação e sem reservas econômicas, ficam durante algum tempo desambientados ao novo ritmo, o urbano, e são, assim, levados a improvisar suas moradias. O mocambo quase sempre é a opção de habitação, por sua facilidade de construção.

⁷⁰ PERRUCCI, Gadiel. Op. cit., 1962. p.20.

⁷¹ Com as paredes de barro batido, num engradado de ripas, formando a estrutura chamada “taipa”, o mocambo tem, em geral, forma retangular, com as quatro paredes da mesma altura, e é coberto por um toldo de palha em dois planos inclinados, unidos na cumeeira e descansando nas paredes laterais. Esta disposição condiciona a existência na parte superior dos dois frontões, de duas largas aberturas triangulares, por onde se processam predominantemente a iluminação e principalmente a aeração, lavando o interior com a fresca brisa do Nordeste. As portas são, via de regra, muito apertadas e baixas, servindo unicamente para passagem. Possui poucas ou nenhuma janela.

É este movimento – de retirantes das zonas de usinas e do alto Sertão que vão aos poucos se ambientando e que raramente conseguem ganhar um salário que lhes permita sair do mangue – que é retratado na obra de João Cabral. Em *Morte e Vida Severina*, o mangue é a continuação do rio quando este se encontra com o mar. No mangue encontra-se, além do sustento, a morte. A seguir, observa-se que os versos finais sobre este rio-mangue:

E este rio de água cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

Nesta dualidade de idéias que contrastam, o belo e o feio, o desagradável e o ameno são extremos apresentados inúmeras vezes nesta obra. Josué de Castro nos apresenta um exemplo sobre esta situação de vida e de morte no mangue:

A família Silva mora nos “mangues” da cidade do Recife, num “mocambo” que o chefe da família fez quando chegou de cima. A família é originária do sertão. Desceu do Cariri, na seca, perseguida pela fome. Fez uma paradinha no brejo, para tentar o trabalho das usinas. [...]
Ao chegar na grande cidade, começou o arrocho. Só havia uma maneira de desapertar: Era cair no mangue: no mangue não se paga casa, come-se caranguejo e anda-se quase nu. [...] quando o caboclo sai de manhã para o trabalho, já o resto da família cai no mundo. Os meninos, lavam as ramelas dos olhos

com água barrenta, fazem porcaria e pipi, ali mesmo, depois enterram os braços de lama adentro para pegar caranguejo. [...] Nesta placidez de charco, identificada, unificada no ciclo do caranguejo, a família Silva vai vivendo. Cada elemento da família marcha dentro desse ciclo até o fim, até o dia de sua morte. [...]⁷²

Entre a lama do mangue corre a vida. Verifica-se que o curso de quem vive no mangue revela a miséria, a falta de recurso. No mangue a vida brota ou se estanca, e é a própria lama que alimenta este ciclo de vida e morte severina.

É justamente a concretude da vida que está em jogo. Vida que se estende como um rosário de contas, ou rio itinerante; rosário que pode a qualquer tempo se quebrar e/ou ser perdido; rio que pode a qualquer momento secar; e mangue que aglutina vida.

⁷² CASTRO, Josué. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1957. p.206.

2.1 UM ROSÁRIO DE INFLUÊNCIAS

Neste momento, faz-se necessário unir dois fios que foram deixados soltos no decorrer da presente dissertação. Assim como fazem os tecelões, que tecem seus tapetes trançando os fios, neste estudo a escrita é feita como um trançar de palavras. Um dos fios é representado pelo rosário, e o outro pelo rio Capibaribe.

O primeiro fio é muito importante para o desenrolar histórico de uma obra poética e de seu poeta. É o fio do rosário, que, como instrumento da repetição de preces, tem o objetivo de criar um clima contemplativo que permita a meditação e o aprofundamento dos grandes mistérios da vida.

A recriação poética do pastoril realizada por João Cabral na obra “Morte e vida Severina” oferece coordenadas para a trajetória que se pretende seguir neste estudo. Oferece, ainda, um roteiro em que vilas, arruados e cidades se mostram como contas que Severino

percorrerá, uma após outra, numa monotonia própria da ladainha.⁷³ O personagem parte da Serra da Costela, limite da Paraíba, e atravessa o Sertão, o Agreste e a Zona da Mata, até alcançar “a última conta do rosário”, a cidade do Recife. Neste momento, ele atinge a meta final da sua jornada:

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE
EXTRAVIAR POR SEU GUIA, O RIO
CAPIBARIBE,
- Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha;
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha [...]

⁷³ A forma poética se faz ladainha, oração e lamento. Apóia-se no ritmo lento da cena, nas rimas, na repetição, no refrão, que, tal como na oração, faz súplicas e lamento; na mesma figura fônica, rima toante e, com pequenas alterações, configura a ladainha na linguagem e transforma o verso em quase-reza.

Este fio encontrado, o rosário, torna mais sensível a agudeza do texto, cujo artifício central consiste no paradoxo do homem retirante conquistar a vida e do impasse da morte como única saída para a miséria.

Após uma leitura atenta da obra “Morte e Vida Severina”, pode-se notar, além do caminho feito por Severino, a trajetória percorrida por João Cabral, já que esta composição poética comprova o seu grande estudo e a sua homenagem no que se refere às várias literaturas ibéricas. Isto pode ser percebido desde o subtítulo da obra – “Auto de Natal Pernambucano” –, que reflete a sua preocupação em aclimatar Pernambuco à forma dos autos sacramentais ou hieráticos da Península Ibérica. O próprio poeta explica essas influências no texto:

[...] Pesquisei num livro sobre folclore pernambucano, publicado no início do século, de autoria de Pereira da Costa. [...] Com Morte e Vida Severina, quis prestar uma homenagem a todas as literaturas ibéricas. Os monólogos do retirante provém do romance castelhano. A cena do enterro na rede é do folclore catalão. O encontro com os cantores de incelenças é típico do nordeste. Não me lembro se a mulher da janela é de origem galega ou se está em Pereira da Costa. A conversa com Severino antes de o menino nascer obedece o modelo da tensão galega.⁷⁴

⁷⁴ SECCHIN, Antonio Carlos. *João Cabral: a poesia do menos*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, Pró- memória, Instituto Nacional do Livro, 1985.

Os autos são composições dramáticas de caráter religioso e moral que começaram a ser desenvolvidas na Idade Média. Adquiriram sua forma típica entre os séculos XIV e XV na Península Ibérica, que, por sua vez, aprofundou-se, a partir do século XVI, na tradição pernambucana com os espetáculos chamados de pastoril.⁷⁵ Assim, pode-se perceber o quanto a cultura popular nordestina é herdeira de tradições da Península Ibérica. É a alegoria natalina do pastoril, forma dramática folclórica arraigada ao estrato rural de nossa sociedade, que se decompõe no Auto de Natal.⁷⁶

Deve-se observar que João Cabral, nesta obra, divide o poema em 18 partes com propósitos e influências diferentes. Pode-se separá-las em dois grandes momentos: a peregrinação de Severino seguindo o seu principal fio condutor, o rio Capibaribe; e o Presépio ou o encontro com a vida, momento em que nasce um menino, filho do mestre José Carpina, como um sinal de vida, mesmo que ela seja severina. Neste segundo momento, com o nascimento do menino, João Cabral, de forma bem clara, utiliza influências dos Presépios ou Pastoris do folclore Pernambucano.

⁷⁵ João Cabral também utiliza em suas pesquisas o livro de Pereira da Costa sobre o folclore pernambucano. E o Pastoril integra o ciclo das festas natalinas do Nordeste.

⁷⁶ NUNES, Benedito. Op. cit., 1974. p.83.

A obra de João Cabral propõe um questionamento acerca da própria linguagem que a veicula, indicando uma leitura da nossa relação com a cultura cristã. Ao seguir sua via- crucis, Severino propicia uma leitura da mensagem deixada por João Cabral. A idéia central é de que a morte não é a saída, não é a solução, para esta vida severina:

Que diferença faria
Se em vez de continuar
Tomasse melhor saída:
A de saltar fora, numa noite,
Fora da ponte e da vida?

- Severino retirante,
Deixe agora que eu diga:
Eu não sei bem a resposta
Da pergunta que fazia,
Se não vale mais saltar
Fora da ponte e da vida;
Nem conheço a resposta,
Se quer mesmo que lhe diga...

Pode-se, ainda, analisar esse deambulatório e suas múltiplas saídas a partir de duas extensões: a religiosa e a cultural. A extensão religiosa pode ter chegado a João Cabral por múltiplas vias, como pela religiosidade própria do sertanejo, pelas fontes cultas do teatro cristão e pela própria biografia do poeta. Vale notar que a sua forma guarda sempre as dimensões de uma representação proporcionada ao real, local que reserva tradições, cultura e costumes.

A tradição religiosa pode ser encontrada de várias maneiras nesta obra. Pode-se usar como exemplo as fontes cultas do teatro cristão de Gil Vicente:⁷⁷

[...] Eu creio que uma das coisas formidáveis que nos latino, ibéricos e ibero-americanos temos, é a tradição de um teatro visceralmente popular, desde Gil Vicente e Lopes de Rueda [...]. Quanto a mim, essa tradição tem uma vitalidade extraordinária e pode ajudar muito todos aqueles que pretendem criar um teatro a um tempo moderno e popular. Não só no teatro. [...]⁷⁸

A invenção do presépio é atribuída a São Francisco de Assis. Por volta de 1510, o tema passou a figurar nos autos hieráticos, com Sybilla Cassandra e Gil Vicente.

Em Portugal, a representação de auto pastoril se afirmou apenas no século XVIII, como descreve Mário de Andrade⁷⁹, citando Pedro Fernandes Tomás: “Os Autos Pastoris ou de Presepe como eram conhecidas entre o povo estas composições teatrais que se exibiam em muitas localidades durante as festas do Natal.”

⁷⁷ Gil Vicente, genial dramaturgo da primeira metade do século XVI e pai da comédia moderna, testemunhou grandes mudanças em Portugal, com a chegada da época dos descobrimentos, a entrada dos valores do Renascimento cultural e comercial da Europa e a instalação de tribunais de Inquisição.

⁷⁸ Entrevista concedida a Jose Correia Tavares. *Letras e Artes*. Lisboa, 08 jun. 1966.

⁷⁹ ANDRADE, Mario de. *Danças dramáticas do Brasil*. 1º tomo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

No Nordeste e, em particular, em Pernambuco, de modo geral, o pastoril pode ser considerado o gênero precursor do teatro popular. O “Auto de Natal Pernambucano”, apesar de não se constituir em apenas um ato, pode ser configurado como um rosário pouco ortodoxo de 6 mistérios pelo que já nos penitenciamos.⁸⁰

No Brasil e, mais precisamente, em Pernambuco, segundo Pereira da Costa⁸¹, o aparecimento do presépio ocorreu no final do século XVI, no convento dos Franciscanos, em Olinda, por iniciativa do Frei Gaspar de Santo Antônio, primeiro religioso a receber hábito no Brasil. Adotava-se, assim, uma estrutura análoga ao terço desfiado por Severino.

João Cabral parece ter pretendido renovar, por meio de seu auto, o que realmente ocorre no contexto nordestino e, por conseguinte, o que faz parte de sua história e de sua vida, que pode servir de modelo.

Ele estava se encaminhando para uma linha mais ligada ao romanceiro popular do nordeste, para o qual, é curioso, a atenção dele tinha sido chamado pelos espanhóis. Para João Cabral olhar

⁸⁰ LIMA, Maria Lisa Montenegro Barbosa. *Uma leitura de morte e vida*. Recife: UFPE, 1979. p.88.

⁸¹ COSTA, F. Pereira. *Folk-lore Pernambucano*. Arquivo público Estadual, Recife, 1974. p.199.

a poesia popular do nordeste, sofreu um processo de conversão em contato com a Espanha.⁸²

No Nordeste, o pastoril pode ser considerado a forma precursora do teatro popular. A tradição popular é percebida pela representação da ação, da descrição e da reflexão do personagem central – Severino –, cuja fala, quase cantada, se compara à ladainha religiosa ou à tradição oral do cordel.⁸³

João Cabral, em uma entrevista, sintetiza a influência da leitura de cordel na sua obra “Morte e vida Severina”:

[...] quando eu era menino, os trabalhadores do engenho de meu pai vinham me chamar: “Vamos à feira, diz que saiu um romance novo.” E à noite era eu quem lia para eles [...] essas leituras devem ter influenciado o meu auto [Morte e vida severina]; o conjunto de minha poesia é mais simples que a poesia popular, sem rimas; minhas estrofes são mais curtas, porque não quero “distrair” o leitor, mas, em se tratando de uma obra que pretende contar o povo e se contar para o povo, eu devia utilizar a forma mais adequada, que é o metro popular do *romancero*, sempre vivo. É a nossa sorte: nós, artistas de tradição ibérica, podemos recorrer a essa mistura de popular e erudito que vem das fontes.⁸⁴

A obra “Morte e vida Severina” é, ao mesmo tempo, um Auto de Natal que revela uma intensa reflexão e ação do personagem

⁸² SUASSUNA, Ariano. *Leituras do Brasil - volta com a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Documentário TV Cultura.

⁸³ Cordel: fala cantada, recheada de jogos sonoros, que se aproxima no poema da forma das ladainhas religiosas e das cantigas populares nordestinas.

⁸⁴ Entrevista concedida a José Carlos Vasconcelos. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 16 jun. 1966.

Severino, que, em seu caminhar, encontra-se com outros personagens, entre os quais os irmão das almas, a mulher na janela, os dois coveiros, o Mestre Carpina e as ciganas. Estes personagens, assim como Severino, vão desfiando um mesmo rosário, até o nascimento de um menino.

Deste modo, o autor, como poeta do concreto, pedreiro do verso, aquele que domina a matéria, trabalha “em ferro forjado”. A busca da razão na poesia não se restringe a uma “poesia da razão”, já que envolve uma ética da solidariedade, que é identificada com um movimento mais profundo e que, por isso, difusa religiosidade.⁸⁵

João Cabral escreve um auto de natal para resgatar o sentido original da festa cristã por intermédio da realidade nordestina. Palavras dão coerência ao mundo e são antídotos contra o esquecimento. O mundo da experiência, o percurso de Severino, é uma jornada feita com a cabeça cheia de murmúrios, de aprendizado e intuição, e é impossível de se nomear.

O Auto de natal Pernambucano é portador do retrato coletivo de um grupo que emerge e que está presente na realidade social do Recife. Nesse sentido, o poeta:

⁸⁵ TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora Andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. Editorial Fapesp. São Paulo: Atelie, 1996.

[...] não evoca ou revive um tempo e um espaço perdidos, não se identifica com a sociedade nordestina, seja patriarcal, seja burguesa. A construção do futuro, para ele, passa pela destruição das ilusões trazidas pela memória e pela afirmação do presente como momento transformador.⁸⁶

O trecho do caminho em que ocorre o nascimento do menino entre os retirantes é um momento transformador, é uma afirmação da vida contra a morte e uma autenticidade da festa cujo significado maior se perdeu. A tradição é apresentada pela relação entre o sacrifício de Cristo e o de muitos retirantes. O poeta, perante esta história, que é uma caminhada para a morte, afirma-se como base para a esperança e como a teimosia dos que conseguem sobreviver nestas condições.

Por meio desta análise, nota-se que a obra “Morte e vida Severina” é um poema denso de uma religiosidade cristã, em que o nascimento de uma criança representa uma renovação de esperanças. Severino, então, se multiplica e nasce para sua própria salvação.

⁸⁶ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999. p.262.

Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito
e estais aí conversando
pois sabeis que ele é nascido.

O corpo do poema vai explorar as formas locais da identidade de situação social. Introduzir na apreciação o conceito de correspondente objetivo é um procedimento que exige cautela. O espaço da comunidade se alarga para a chegada do menino, que, entre muitos, será um novo Severino.

Chegam visitas que ofertam o melhor daquilo que possuem, em uma grande comunhão de solidariedade:

-minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.
-minha pobreza tal é
que coisa não posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar;
aqui são todos irmãos
de leite, de lama, de ar.

Os valores regionais garantem identidade ao novo menino que nasce no mangue. O Evangelho ensina que os reis magos são os portadores de presentes, já no poema é o próprio povo que porta as oferendas.

Em outras palavras, o poeta resgata e oferece um significado à vida, pura e simples, mesmo severina. Nela, é a beleza, a formosura da vida em ação, que expressa transformação. A criança representa a nova vida, novidade para este contexto desumano imposto por estruturas sociais e culturais.

João Cabral finaliza “Morte e vida Severina” de um modo muito expressivo e interessante. Quem fala neste momento final é o mestre Carpina, Seu José, pai do menino e carpinteiro, personagem que remete os leitores desta obra novamente à religiosidade.

No Nordeste, acredita-se que é São José quem indica se o ano será de seca ou se terá bom inverno para colheita. Se até dia 19 de março não chover, é seca na certa. Na área rural, esta data é utilizada como um referencial para a plantação do milho, que deve ser colhido em junho. Acredita-se, ainda, que quando chove em março o ano é bastante promissor para a agricultura, para a colheita.

José, no poema, apresenta bons motivos para se acreditar em boa colheita. Colheita de vida, de beleza e de sabedoria:

Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida
como a de há pouco, franzina
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

A vida, em sua imanência, possui dinâmica própria, e o Auto recoloca para os severinos uma lição de esperança. Mesmo vivendo em condições miseráveis, esta esperança, que identifica a cada ser,

pode experimentar um salto "para dentro da vida", um limiar da história como um novo começo.

No que se refere à cultura, segunda extensão que se pode utilizar para analisar o deambulatório abordado na obra de João Cabral, é notada durante o processo de permanência desta religiosidade presente em Severino. Este retirante, ao chegar à cidade grande, é constituído de uma intensa religiosidade e de costumes que dificilmente serão transformados, mas provavelmente serão adaptados. O texto funciona como uma concepção da vida e do mundo que é aquela mesma oferecida pela cultura.

Assim, podemos compreender a cultura como produto de tudo o que o homem produz, como local para rupturas, poder e conhecimento. Onde a sociedade dá sentido à cultura e que reflete a sua experiência.⁸⁷

Nesse sentido, pode-se afirmar que a obra "Morte e vida Severina" é parte da sociedade, que perpassa e se constitui pela soma do inter-relacionamento do costume com a prática social. Estes discursos múltiplos oferecem mediações e reflexões sobre o popular como uma forma de luta e de resistência desenvolvidas pelo autor e

⁸⁷ HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

estabelecidas nas relações de uns com os outros, com seus “outros” e com suas próprias condições de vida, no movimento de conter e resistir. Cultura é atribuída, em parte, ao campo social, ao qual está incorporada, e às práticas, as quais articula e é chamada a ecoar e a transformar.

João Cabral apresenta esta resistência no *Auto* a partir do que o retirante guarda dentro de si (suas raízes) e do seu encontro com a “outra” cultura da cidade. Isto ocorre na permanência (tradição) com o que Severino leva com suas experiências no sertão.

Ao longo do tempo, ocorre uma rápida destruição dos estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. Severino define sua existência na categoria da exclusão tanto por intermédio de seu comportamento, quanto por meio da sociedade que o rejeita.

João Cabral faz um poema preocupado com as tradições idealizadas para o Nordeste e as submete à crítica. A literatura, assim, propicia um traço de um quadro da vida social no tempo da convenção de um olhar de um mundo visto de baixo.

Como já verificado anteriormente, na obra de João Cabral nota-se a abordagem de uma sociedade que passa por uma profunda crise, que está em estado de caos e que se transforma economicamente, ao

mesmo tempo em que se observa as relações de classes a partir de comportamentos coletivos. Do ponto de vista social, o auto de natal representa algo mais que apenas uma imagem da alteração social do Recife. A obra aprofunda raízes nessa tradição e procura mostrar como esta cultura pode ser modificada criticamente.

Para enfatizar tais motes, o autor tenta se aproximar mais do leitor:

Como atingir o povo? Se fazemos uma poesia puramente popular perdemos as camadas mais sofisticadas e, depois, quem pode escrever para o povo é o próprio povo. É a literatura de cordel. [...] O auto Morte e vida severina foi uma tentativa de atingir um público maior [...].⁸⁸

Para João Cabral, seu poema “Morte e vida Severina” tenta interpretar este sentido crítico e linear, uma vez que todos que o lêem o entendem, sendo que o mesmo não se pode afirmar com relação aos seus outros livros, que têm uma linguagem mais densa e de compreensão mais difícil.

Uma outra edição da obra (1974) vem com uma nova preocupação desde o título, “Morte e vida Severina - Auto de Natal Pernambucano e outros poemas em voz alta”:

⁸⁸ *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 11 set. 1973.

Este livro, de poemas que talvez funcionem em voz alta (para a meia-atenção ou quarta parte de atenção que, em geral, é quanto pode receber o poema que se ouve).⁸⁹

O poema para ser lido em voz alta pode ajudar a entender melhor esta preocupação do poeta em exprimir o que o povo sente. Como se pela palavra fosse possível ao poeta e ao leitor reconquistar, de repente, a intuição na vida em si mesma. O poema é uma obra sempre inacabada, sempre disposta a ser completada e vivida por um novo leitor.⁹⁰

Assim, a palavra poética é histórica em dois sentidos complementares, inseparáveis e contraditórios: no sentido de constituir um produto social; e no sentido de ser uma condição prévia à existência da sociedade. Nessa perspectiva, o poeta, para compor sua obra, busca todo argumento histórico e literário para a concepção de um verdadeiro jogo entre construir e interromper. Isto faz do poeta um ser a meio caminho entre o engenheiro da palavra, entre o que solidifica e o que dissolve, entre o seco e o úmido, não para negar a língua, e sim para lhe dar outra e mais sutil riqueza.

⁸⁹ Nota da editora para a segunda edição de “Morte e vida Severina - Auto de Natal Pernambucano e outros poemas em voz alta”. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1974.

⁹⁰ PAZ, Otávio. “A Consagração do Instante.” In: _____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996. p.51-62.

2.2 SOMOS TODOS SEVERINOS?

Depois dos caminhos largos e vastos já percorridos até aqui, chega agora o momento mais especial da jornada que se pretende cumprir nesta dissertação. É a ocasião do tão esperado encontro com o personagem principal de “Morte e Vida Severina”, Severino.

Com mãos sensíveis e afetivas, João Cabral, em sua obra, forja com palavras o homem Severino. Homem com os pés descalços, severo e despojado de tudo. Homem este que representa e questiona a História. História do homem que é todos os homens, em tais circunstâncias:

O meu nome é Severino,
Não tenho outro de pia. [...]
[...] Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

Nos primeiros passos dados pela palavra poética na obra, João Cabral apresenta uma tradução do homem “nordestino”; homem

Severino retirante. Este é o primeiro grande contraste de uma obra cheia deles.

O homem Severino contribui para formar uma mesma imagem de todos os homens que suportam a morte e a vida Severina. Este retirante aparece como igual a todos, e conta a História de um povo, e não somente de um homem. É o representante ativo de um trajeto a ser realizado como retirante, no percurso da existência Severina, no caminho da Morte-Vida.

Mas quem é este homem “nordestino”? Quem é Severino? Como ele é visto? Qual é a sua imagem? Migrar é o seu destino? São muitos os questionamentos que se tentará entender e explicar. O historiador Durval Muniz oferece uma pequena idéia de como é composto este homem:

O nordestino é, pois, um ponto de encontro entre um certo número de acontecimentos históricos, é fruto de um conjunto de operações de construção de um sujeito histórico, de um sujeito regional, de um personagem extremamente importante para a história política e cultural do Brasil contemporâneo.⁹¹

Quando se pergunta a um indivíduo quem ele é, este, primeiramente, responde informando o seu nome, que é a forma mais

⁹¹ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *Nordestino: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (nordeste – 1920-1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

explícita do ser. Porém, esta experiência em “Morte e vida Severina” falha. E falha porque os Severinos são iguais não apenas no nome, mas em tudo na vida. Então, para se distinguir dos outros, este Severino retratado na obra de João Cabral apresenta-se como aquele que fala, questiona e vive “severinamente” seu mundo. Esta é a forma que o personagem encontra de buscar afirmação na existência em relação ao outro que o escuta. Outro ao qual ele deve a afirmação do eu. Para Lucrecia Ferrara:

Severino é personagem nutrida pela experiência e pela observação da vida construída a partir de um modelo real – o nordestino – mas a intenção de auto conhecimento e auto crítica, que o poeta lhe atribui, transforma-o em personagem profundamente delineada nas camadas subjacentes do espírito, mas distante da região e do panorama social do Nordeste.⁹²

Segundo João Cabral, a linguagem deve imitar, e não encobrir, a realidade.⁹³ Nesse sentido, a poesia fala da representação desta realidade. A trajetória que Severino faz na poesia refaz o engendramento de muitas outras histórias.

A imagem do retirante representada na obra do poeta João Cabral almeja corresponder, no âmbito universal, a algum domínio da

⁹² FERRARA, Lucrecia D. Alessio. “Entre teatro e a poesia”. In: _____. *O texto estranho*. Col. Elos. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.17.

⁹³ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Op. cit., 2003. p.252.

experiência humana que não é menos "real". Então, já que a História não é menos uma forma de ficção do que o poema é uma forma de representação histórica. O autor João Cabral ressalta esta idéia da seguinte forma:

O Viana Moog⁹⁴ publicou uma conferência em que caracterizava a literatura de cada região do Brasil, e a do Nordeste era formada, em sua maioria, por escritores sociais. Não poderia ser de outra forma, porque, se o Nordeste é a região mais pobre do país, é natural a preocupação do escritor da região com a sua realidade. [...]⁹⁵

Como já visto anteriormente, João Cabral, de certo modo, é mais migrante que Severino. O seu trabalho como diplomata teria dado para ele o necessário distanciamento para ver melhor a realidade do seu nordeste e para retratá-lo em sua obra. Pode-se entender esta idéia quando João Cabral, em entrevista, diz:

Eu nunca tive vergonha de dizer que sou nordestino. E também nunca tive vergonha de dizer que minha literatura é nordestina, regional. Afinal, todos os meus temas, os temas tratados na minha poesia, são nordestinos tirados de lá.⁹⁶

⁹⁴ Vianna Moog, advogado, jornalista, romancista e ensaísta, nasceu em São Leopoldo (RS) em 1906. Consagrou-se mais intensamente à literatura com o golpe de 1937. Publicou, em 1938, o ensaio "Eça de Queirós e o século XIX" e o romance "Um rio imita o Reno".

⁹⁵ *O popular*. 2º Caderno. Goiânia, 22 dez.1981.

⁹⁶ Entrevista concedida a Miguel de Almeida. *Folha de S.Paulo*, 29 dez. 1981. p.64.

Na busca por sua identidade, o autor apresenta o perfil de um homem que tem tudo para ser igual até na morte Severina. Neste trecho do poema, tem-se um resumo desta idéia:

se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

Sempre que se busca o universal, tem-se que partir do individual. Quanto mais se define Severino, menos se individualiza. Assim, um indivíduo pode se constituir como sujeito e, concomitantemente, almejar igualdade na relação com o outro. Por intermédio do imaginário e da ação, o homem se projeta no tempo, arquiteta um porvir e dá sentido à sua existência.

No seu total, este homem Severino é um ser que agrega de tudo um pouco, desde o agreste, com a sua falta de água, até a zona da mata, com seus latifúndios, ou até a região do litoral, com sua falta de emprego. Este homem, aparentemente sem unidade, fragmentado

pelo seu “destino”, fala, questiona, duvida, mas tem paixão pela terra nordestina e pela sua tradição.

O Sertão é tão inóspito que até a natureza se contorce para ali viver. E, assim como a natureza, o homem também se modifica e se adapta para nele viver. Contudo, o homem possui uma breve esperança, uma busca pela salvação, pela ressurreição e pela transformação, na tentativa de afastar-se de uma vida traçada pela miséria e pela morte.

Migrar, então, significa, nesta última instância, agarrar o destino com as próprias mãos e, assim, ressuscitar sonhos e esperanças de uma vida diferente e melhor. Esta repulsa e atração pode ser relacionada com a condição da terra. No sertão a terra rejeita o passante. Nesta terra – chão duro, rude, seco – nada penetra, e as únicas vegetações que a ela resistem têm espinhos como proteção e como forma de repelir os seus habitantes. Já no mangue a terra não rejeita o pé do passante. Sua terra aglutina, engole, interage com o homem. É uma terra produtiva e úmida, cuja vegetação dança, cresce e brota.

Deste modo, pode-se dizer que o homem nordestino se assemelha à sua terra. O Nordeste é plural e possui singularidades e contrastes que marcam o existir. O historiador Durval Muniz esclarece:

Nordeste não é um fato inerte a natureza. Não está dado desde sempre. Os recortes geográficos, as regiões, são fatos humanos, são pedaços de História, magma de enfiamento que se cristalizam, são ilusórios ancoradouros da lava da luta social [...]. O Nordeste é uma espacialidade fundada historicamente, originada por uma tradição de pensamento, uma imagética e textos que lhe deram realidade e presença.⁹⁷

No processo de produção da sua poesia, João Cabral habita o tempo e apresenta aos seus leitores este homem Severino que fala e questiona esta vida tão severa. Em tempos trágicos, este homem resiste ao máximo às adversidades, e apega-se ao seu meio. Entretanto, vê-se diante do impossível, a Seca. E este homem Severino emigra, vive exilado, sem grandes perspectivas. Pode-se dizer que este homem, antes de tudo, é um ser em ação. Ele convive diariamente com a adversidade desta região martirizada e encara com crítica os desafios da vida.

O cidadão migrante, indivíduo que muda de uma região para outra, pode, nesta jornada, constituir família, conseguir ocupação e fazer amigos no local para onde migrou ou, ao contrário, deixar tudo isso na localidade que abandonou para tentar a sorte em outra cidade.

⁹⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. Op. cit., 1999. p.66.

Dependendo do olhar que se dirige à obra, o retirante Severino pode, inclusive, ser derrubado da categoria de sujeito, passando-a para a seca, como se este indivíduo não tivesse vontade própria.

No poema, a palavra “migrar” possui um sentido amplo e que concentra várias imposições das condições econômicas, sociais e ambientais com relação à “destinação” do ser nordestino que foge da miséria e da pobreza da vida do sertão. A abordagem da migração nordestina é quase sempre feita levando-se em conta a destinação ou a fatalidade de um povo que nasce em uma região (seca) propícia para o movimento migratório, como uma decorrência natural da questão social e econômica, além da geográfica. Josué de Castro diz:

quando estudam as condições de alimentação dessa área, o que logo surpreende é o contraste marcante entre as aparentes possibilidades geográficas e a extrema exigüidade dos recursos alimentares da região.⁹⁸

Propondo-se uma caminhada em direção oposta, pode-se afirmar que existe uma representação social criadora de uma invisibilidade histórica em torno do retirante, no sentido de compreender que migrar para o nordestino não possui um único objetivo. Deve-se levar em consideração que migrar acarreta em si

⁹⁸ CASTRO, Josué de. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares Achiame, 1980.

uma grande violência, uma perda de identidade e de raiz (relações sociais). Novamente, é necessário que se tome cuidado para não colocar o retirante no lugar de vítima, de alguém passivo, sem escolha.

Durante este percurso, pôde-se notar que a obra de João Cabral define migrar com a idéia de mudança, de não se acomodar. Pode-se entender migrar como uma forma de resistência a uma sociedade que passa por um momento de transformações econômicas e sociais. Do ponto de vista histórico, a poesia representa algo mais que apenas uma imagem da sociedade nordestina; ela expressa uma mudança.

Portanto, o poema é uma tradução de uma experiência direta, em que a palavra e a História, juntas, buscam o homem Severino e relatam o seu drama social.

II – O RIO CAPIBARIBE

“O rio está ligado da maneira mais íntima à história da cidade. O rio, o mar e os mangues. Assassinatos, cheias, revoluções, fugas de escravos, assaltos de bandidos às pontes, fazem da história do Capibaribe a história do Recife.”⁹⁹

GILBERTO FREYRE

Chega agora o momento do encontro entre o segundo fio desta dissertação, que estava perdido pelo caminho, e o engenheiro da palavra, profeta dos espaços, que aprisiona sonhos geométricos nas folhas de papel. Este condutor das palavras, João Cabral de Melo

⁹⁹ FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.

Neto, caracteriza sua obra com a observação e o fascínio sobre os mistérios e as realidades que possui a cidade do Recife.

Como já trilhado em caminhos anteriores, nota-se que o poeta apresenta em “Morte e Vida Severina” argumentos e evidências do que observou em sua vida. São numerosos os elementos integradores da temática nordestina nesta obra. Para começar, pode-se citar as presenças do rio, do sol, da seca, do homem, da fome, do canavial, dos engenhos, da cidade, da religiosidade e da morte. Além disso, nesta composição literária, observa-se uma persistente volta ao realismo social caracterizado pela objetividade e crítica da constatação do cotidiano.

A idéia de que o rio simboliza a força criadora da natureza e do tempo, adicionada, ainda, à fertilidade e à irrigação da terra, em João Cabral, cresce de tal maneira que as várias imagens que inundam o poema “Morte e Vida Severina” estão ligadas ao fio mais precioso nesta grande jornada, o Capibaribe. Este Rio foi essencial para o desenvolvimento do Recife, além de ser uma grande fonte de estudo para o poeta João Cabral de Melo Neto, que, em sua obra, evidencia a vida deste grande rio, unida com a do poeta e com a do próprio homem Severino.

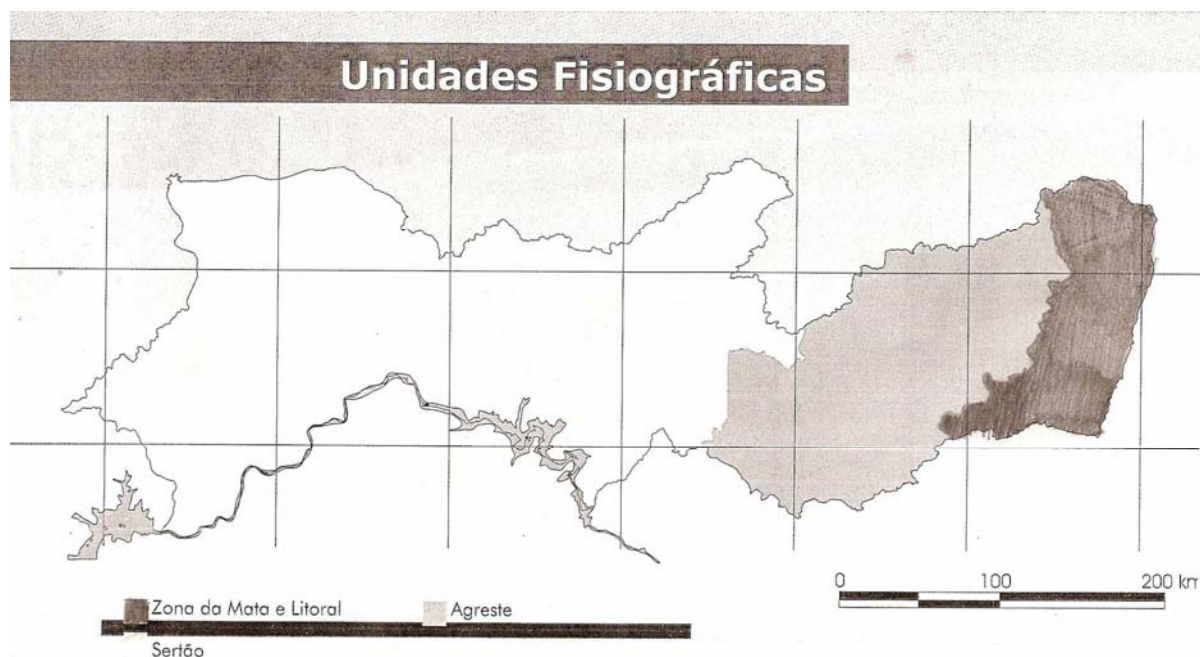
O rio Capibaribe nasce na serra do Jacarará, no município do Brejo da Madre de Deus, na divisa de Pernambuco com a Paraíba. Possui cerca de 74 afluentes e banha 32 municípios pernambucanos, sendo os mais importantes Toritama, Santa Cruz do Capibaribe, Salgadinho, Limoeiro, Paudalho, São Lourenço da Mata e Recife. Forma, assim, a maior bacia hidrográfica do Agreste brasileiro, compondo um belo cenário formado por beiras, secas, casarões, Igrejas, manguezais e muita História.

A ampla importância histórica e social do rio Capibaribe, sobretudo no que se refere à formação e ao desenvolvimento de Pernambuco e da região Nordeste do Brasil, chama a atenção ao demonstrar o elo de ligação entre a cultura da cana-de-açúcar da Zona da Mata¹⁰⁰ pernambucana, os currais do Agreste¹⁰¹ e o Sertão¹⁰².

¹⁰⁰ Zona da Mata é uma região bem povoada, a que concentra o maior número de indústrias e a mais urbanizada. Possui clima tropical úmido, com chuvas mais frequentes. O solo dessa área é fértil e a vegetação natural é a Mata Atlântica.

¹⁰¹ Agreste é a zona de transição entre a Mata e o Sertão. Região úmida e cheia de brejos.

¹⁰² O Sertão possui um clima semi-árido com solos rasos e pedregosos. Há chuvas escassas e mal distribuídas. Sua vegetação típica é a caatinga.



Mapa 1 – Mapa fisiográfico de Pernambuco.¹⁰³

A partir do século XVI, a paisagem colonial brasileira formada às margens do rio Capibaribe passou a ser povoada por feitores, lavradores e senhores de engenhos, que deram origem aos conjuntos de casas-grandes e consolidaram a cultura da cana-de-açúcar no Nordeste. As margens do Capibaribe contribuíram muito para o desenvolvimento sócio-econômico do Estado de Pernambuco. A agricultura e a pecuária desenvolvida na região não se deu apenas do centro para a periferia, mas também dos engenhos para o centro comercial. Suas águas também foram fundamentais para esta

¹⁰³ Atlas de Biodiversidade de Pernambuco, estudo organizado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente (Sectma), 2004.

evolução, bem como para o transporte de pessoas, objetos e mercadorias.

Nas margens do rio não se pode encontrar um grande número de pessoas, pois a terra que está em seu entorno é valiosa e pertence a poucos. Em seu percurso encontram-se, mais freqüentemente, grandes latifúndios de cana-de-açúcar, casarões e poucas vilas.

O rio Capibaribe, nome que em tupi significa “rio das capivaras”, aproxima povos e culturas ao longo do seu percurso. Esta idéia é reiterada por Josué de Castro:

Heródoto dizia que o Egito era um dom do Nilo. Tudo lá era fruto das águas: terra, economia e religião. Também o Recife – essa pitoresca cidade, discreta e envolvente – é um dom dos rios. Rios que deram origem à cidade e foram importantes fatores de sua história.¹⁰⁴

O Rio Capibaribe percorre um longo caminho e passa por cidades e vilas, contando simbolicamente todas as aventuras e desventuras da vida em Pernambuco. Em tempos de seca e necessidade apresenta-se como um rio humilde, como um escasso fio de água. Assim como o homem do nordeste, o Capibaribe tem uma sina a cumprir, e seca no verão – “pernas que não caminham”:

¹⁰⁴ CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

Capibaribe contraditório amargamente irônico... cheio de contrastes gritantes, muda extradionariamente de fisionomia da aristocrática Madalena ou Ponte D'uchoa, aos coelhos e Joana Bezerra, povoados de tremenda miséria. Daí versos duros e cruéis de João Cabral.¹⁰⁵

No Auto de natal Pernambucano, o rio Capibaribe é o cenário e o fio condutor de uma grande jornada. É caracterizado como um rio espesso, amistoso e confidente, cujo trajeto Severino tem medo de perder. Contudo, este retirante aprende com a experiência e sabe que, ao seguir este grande rio, pode chegar à vida:

Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia
[...]
- Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.

Durante a sua descida, o rio reflete paisagens diferentes e cada vez mais acolhedoras. Por estas novas paisagens, suas águas

¹⁰⁵ VAMIREH, Chacom. *O Capibaribe e o Recife - História social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959. p.119.

encontram diversos afluentes: Ribeiro do Arroz, Ribeiro do Urubu, da Grotta e da Fenda, do Mel e da Cachaça, do Pau de Arara, da Pedra Tapada, entre outros rios que, juntos, também contam suas histórias.

O rio Capibaribe, delicado na nascente, seco no Agreste e grandioso na cidade, corre para o mar e, em seu caminho, produz ou encaminha vidas. Ao chegar na cidade do Recife, encontra seu grande amigo em um grande abraço, o rio Beberibe. Estes dois rios aventureiros, em estado de boemia, se avolumam, perdem o rumo e formam os canais e os mangues da cidade de Recife, onde, como bons e velhos amigos, resumem suas aventuras heróicas, até o grande encontro com o Atlântico.

O que intriga o retirante é que este fio condutor, o rio, nunca rotineiro e monótono, sempre está em movimento, assim como a vida e o tempo. Observa, ainda, que em seu caminho são percebidas diferenças gritantes. Na área do Sertão, por exemplo, o Capibaribe é temporário. Durante um longo período do ano, ele se transforma num caminho de areia, com poucos trechos navegáveis, que recebem suas águas de outros dois rios, o Beberibe e o Tijipió.

Como a grande maioria dos rios do sertão nordestino, o leito do Capibaribe, na época da seca, confunde-se com a paisagem. O

homem que habita esta região possui o nada e a sua história
assemelha-se com a do rio, cuja vida está sempre por um fio:

- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.

O rio Capibaribe conduz ao tempo do reencontro, liga o campo
à cidade, o rural ao urbano, a nascente ao mar, e a morte à vida. Ele
nasce pequeno, cresce pensando que é grande e morre gigante, pois
encontra o seu destino, o oceano. Torna-se um e junta-se a todos nas
“franjinhas do mar”. É identificado ao homem nordestino e retirante,
que, assim como ele, tem uma sina a cumprir.

O rio é o começo, é o caminho, é a ponte para a esperança, é o que re-liga o homem à sua vida. É local de vida e de morte, de início e de fim. É o grande fio desta trama de História poética e de crítica social que é habitada por todos nós e representada na obra de João Cabral, pela imagem de Severino.

3.1 O TEMPO E O RIO

Para os que entram nos mesmos rios, afluem
sempre outras águas.

Heráclito

O Recife, com sua paisagem natural, seus acidentes geográficos e seus rios, constitui um enorme mosaico de cores, cheiros e sentimentos. É uma cidade que, com o caos urbano, reflexo da síntese das múltiplas expressões culturais, consegue, concomitantemente, aspirar e abolir os efeitos desnorteadores, o que lhe dá uma marca inquestionável.

Em “Morte e vida Severina”, o Rio Capibaribe é um personagem marcante que simboliza um local tanto de esconderijo quanto de morte e de vida. O rio surge, portanto, como um marco tradicional do fluxo ininterrupto do tempo, que carrega o homem para o mistério final da morte e da vida severina.

Neste presente capítulo, procura-se realçar o elemento da água, o rio e suas beiras, como forma de pensar o espaço do homem enquanto acumulação desigual de tempos.¹⁰⁶ O momento passado, neste espaço, está vivo e em movimento como tempo; o momento passado já não é, nem voltará a ser, mas sua objetivação participa da vida atual como regaste e como forma indispensável à realização social.

¹⁰⁶ SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: UNESP, 2002. p.78.

Portanto, o espaço percorrido nesta jornada é o resultado de uma acumulação de tempos. Na obra do poeta João Cabral, pode-se notar um certo equilíbrio entre o espaço ambíguo retratado pelo rio e a seca. Em contrapartida, um outro olhar foi colocado pelo historiador Durval Muniz, que identifica na obra de João Cabral mais o dado espacial do que o temporal:

A estabilidade do espaço seria dada pelo trabalho com a memória, mas não um trabalho de conservação, e sim de condensação, de lapidação, retirando as lembranças do esquecimento, fazendo-as duras e concisas. A memória, em Cabral, fala mais da dimensão espacial que da temporal.¹⁰⁷

Porém, este espaço ou cenário representado na obra, com a importância dada ao rio Capibaribe, pode ser entendido também como dimensão, além de espacial, temporal. Tempo de reflexão, de esperança e/ou de medida para a História. O tempo é um dos caminhos possíveis para se penetrar no reino das palavras, uma vez que nossos acontecimentos nem sempre nos permitem interrogar nossa experiência.

O poeta, em “Morte e vida Severina”, apresenta ao leitor uma crítica sobre o homem que vive apenas o momento rotineiro, sem sal,

¹⁰⁷ ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999. p.260.

mas essencial. Este homem, que vive apenas para sobreviver, é representado por Severino, retirante sonhador, crítico e esperançoso que tem poderes para transformar o tempo e construir sua história.

As palavras de Heráclito podem ajudar na compreensão desta idéia: “não se pode entrar duas vezes no mesmo rio.” Nesse sentido, percebe-se que a realidade constantemente se altera, assim como o tempo, o rio e o homem. Ou seja, tudo se transforma a cada instante.

O tempo remete a processo, organização, controle e ritmo. É por intermédio deste tempo finíssimo e transparente que se percorre a História. O tempo é preenchido com a matéria viva, o homem, que deve habitá-lo. No futuro o tempo passado já estará morto, porém habitado e vivo na memória. Embora “as imagens e as palavras ocorram no agora, sabemos que eles pertencem a um momento que não existe mais.”¹⁰⁸

Para o poeta, o tempo pode ser sentido em sua amplitude quando a substância viva e física que a vida possui é utilizada. Se a vida está vazia, o tempo torna-se rotina e os cinco sentidos humanos se acostumam com o que percebem. Este tempo descrito é rotineiro, lento, simples, sensível e perceptível, pois não muda, podendo ser

¹⁰⁸ ADES, César. *Múltipla memória*. Vol.4. São Paulo, Psicologia USP, 1993.

comparado a um bicho de estimação, que, pelo costume de se tê-lo, torna-se hábito.

Sendo assim, o cotidiano passa necessariamente pela idéia de repetição e de procedimentos padrões que compõem a tecedura social, assegurando a sobrevivência, a segurança e o bem-estar.¹⁰⁹

Para João Cabral, este tempo rotineiro aparece na poesia por intermédio da ladainha¹¹⁰ e do rosário¹¹¹:

Antes de sair de casa
Aprendi a ladainha
Das vilas que vou passar
Na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
Cidades que elas são ditas;
Sei que há simples arruados,
Sei que há vilas pequeninas,
todas formam um rosário
cujas contas fossem vilas,
todas formando um rosário
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
Ate o mar onde termina,
Saltando de conta em conta,
Passando de vila em vila.

¹⁰⁹ FAUSTO, Boris. "Crime e cotidiano." In: _____. Cultura e cidades. São Paulo: ANPUH, 1985.

¹¹⁰ A ladainha é uma oração de estrutura cíclica, ao mesmo tempo em que sacraliza o percurso.

¹¹¹ Rosário é uma devoção religiosa que consiste na recitação e repetição de quinze dezenas de Ave-Marias (os quinze mistérios da Vida, Paixão e ressurreição de Cristo) e de quinze Pai-Nossos. Ou uma série de fatos seguidos, como contas de um rosário.

O tempo demonstra sua existência na simplicidade de seu passar, de seu percurso, expressando-se em formas. Tempo que segue o ritmo da ladainha e as contas de um rosário. Tempo que seria igual e repetitivo se não fossem as diferenças existentes entre as vilas e os arruados, onde a vida transforma-se a cada instante.

Portanto, o tempo pode ser medido tanto pelas batidas do coração quanto pelas regras. Os gregos perceberam esta diferença e designaram duas palavras distintas para, no dia-a-dia, indicarem esses dois tempos: *Chronos* e *Kairós*.

O tempo *Chronos* é dividido em espaços iguais, como horas, minutos e segundos. Oscila com total indiferença à vida e à morte, à tristeza e à alegria. É um tempo sem surpresas, rotineiro. Já o tempo *Kairós* é medido pelas batidas do coração, sem precisão e regras. Suas batidas flutuam ao ritmo da vida e da morte. O tempo do coração varia conforme a imaginação e transforma-se com o medo e a tropeça. Ele vive de surpresas.

Chronos é o tempo do dever rotineiro, do corpo enjaulado. Esta jaula é frágil e transparente, como o vidro, mas em seu interior vive um bicho. Independentemente do local da jaula, do seu sertão, este ser

tem alada palpitação – tempo *kairós* – que possibilita imaginar para “sentir-se existente.”

Destes momentos variáveis transcorre a vida e a beleza. Este tempo do rosário é rotineiro, de compasso regrado, e, assim como o ritmo da ladainha, é preciso e contínuo. Contudo, o improvável pode ocorrer, por algum rompimento deste tempo surge no homem, e:

Desde que estou retirando
Só a morte vejo ativa,
Só a morte deparei
E as vezes até festiva;
Só morte tem encontrado
Quem pensava encontrar vida,
E o pouco que não foi morte
Foi de vida severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais severina
para o homem que retira).

Seguindo esta análise, a obra é composta de estruturas cíclicas em que coexistem os momentos *Chronos* e *Kairós*. São múltiplos os aspectos que demonstram o tempo e a história por intermédio destes ciclos. Os principais são o rio Capibaribe e o mar, a morte e a vida.

Estes ciclos envolvem o homem e o tempo e marcam a transformação, constituindo um exemplo de uma trilha possível e prevista. Os argumentos que fundamentam esta idéia na poesia

desenrolam-se em um tempo em que a ação dos afetos e da representação produz uma lógica própria, capaz de viabilizar construções equivalentes e belamente ordenadas, conforme afirma Vico ao estudar a lógica poética.

A história não se apresenta em uma linha direita, mas através de uma série de círculos que se desenvolvem em espiral e nunca se conclui. A história não obedece assim a um movimento linear, não se propaga em linha reta, mas através de sucessivas espirais, cada vez mais vastas, através de uma série de regressos. Não há puros regressos, nunca se regressa ao ponto de partida. É a divina providência que conduz o homem para cima o que implica uma sucessão de renascimentos ou de regenerações, à maneira de Fênix.¹¹²

João Cabral assume a condição de poeta intelectual: ele cria, pensa, planeja e escolhe metodicamente ritmos, rimas e vocábulos. Induzir ao equívoco de se pensar que os seus numerosos poemas pernambucanos são um fora sem dentro, um jogo de sintagmas bem regrados em que tudo se esgota na superfície verbal, sem horizontes extra-textuais, nem dimensão existencial.

Um dos ciclos importantes do poema de João Cabral consiste na inversão do seu título. A palavra “morte” antes da palavra “vida” toma significado especial. A morte a que o poeta se refere é a morte

¹¹² VICO, Giambattista. *A ciência Nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

social, e não somente a individual. João Cabral esclarece esta idéia em uma entrevista concedida ao poeta Sebastião Uchoa:

[...] Nesse meu livro [Agrestes] eu narro uma conversa com Lopez Ibor, que era o grande psiquiatra de Madri quando eu estava lá. A mulher de um amigo meu da embaixada se tratava com López Ibor. Esse amigo me disse: “eu acho que você deveria ir ver Lopez Ibor.” Como eu estava meio angustiado, concordei. O sujeito era extraordinário. López Ibor me disse: “Eu sei que o senhor escreve. O senhor me empresta um livro seu?” Eu perguntei: “o senhor lê português?” E ele: “Ah, leio.” Eu dei para ele *Duas águas*, que era, naquele tempo, minhas poesias completas. Na vez que eu voltei lá, ele me disse: “Eu fiquei impressionado como o senhor fala na morte.” Então, falei: “Doutor López Ibor, o senhor está se referindo a *Morte e vida severina*, esse tipo de coisa. A morte de que falo não é a morte individual, rilkeana¹¹³: é a morte social.”¹¹⁴

Em “Morte e Vida Severina” o embasamento é o da morte coletiva no Nordeste. O personagem Severino é o resumo deste coletivo, representado não o todo dos homens, mas o todo dos socialmente oprimidos. O foco, como já analisado, está na forma e no cerimonial social desta morte.

113 O poeta Rainer Maria Rilke nasceu em Praga no dia 4 de dezembro de 1875. Rilke eliminou de sua poesia o lirismo vago que em parte lhe havia inspirado os simbolistas franceses, e, em seu lugar, adotou um estilo preciso e concreto que pode perceber em “O livro das horas” (1905), que consta de três partes: O livro da vida monástica, O livro da peregrinação, e O livro da pobreza e da morte. Esta obra o consolidou como um grande poeta por sua variedade e riqueza de metáforas e por suas reflexões um pouco místicas sobre as coisas. Foi secretário de 1905 a 1906 do escultor Auguste Rodin. A maioria dos seus sonetos canta a vida e a morte como uma experiência cósmica. A obra de Rilke com seu hermetismo, solidão e ociosidade chegou a um profundo existencialismo e influenciou os escritores dos anos cinquenta tanto na Europa como na América.

¹¹⁴ Resposta ao poeta Sebastião Uchoa Leite, 34 Letras, Rio de Janeiro, nº3, mar. 1989.

O poeta versa sobre a vida, a história e a beleza do novo. E na condição severina da morte é o nascer de uma nova vida. A imagem da morte e da vida é estabelecida pelo rio Capibaribe e pelos homens que nele se fundem.

João Cabral compõe a imagem da morte no seu processo social. Esta morte do definhamento, da seca que desidrata gradativamente. Nessas condições, a única forma de vida é a presença do rio Capibaribe, um rio que, no início da jornada, apresenta-se aparentemente também morto, sem água.

A morte é a imagem da não-identidade do humano no homem que está vivo, como natureza degradada fisicamente, emocionalmente e mentalmente. Este ciclo de morte e vida é apresentado no início da jornada como uma imagem dramática deste cotidiano de adaptações e de desventuras humanas. Sob um outro ângulo, o poema transforma a morte em geradora de uma nova vida:

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE
UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidade e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,

não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ao meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

Ao chegar em Recife, o retirante percebe que sua vida severina não sofrerá muitas mudanças. Compreende, ainda, que a grande jornada por qual passara tecia o seu próprio enterro. João Cabral descreve a importância da ordem morte e vida severina para a

narração dramática da morte no sertão sob o olhar da vida – vida que transcende a vida-indivíduo.

O poeta, além disso, apresenta a morte social para encontrar nela as origens da vida social, na qual a vida é história. E morte, na obra, é a imagem do trágico conflito entre as classes. Os que morrem Severino pertencem à classe da vida. Os que matam na forma severina pertencem à classe da morte¹¹⁵:

Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.
- Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.
- É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.
- É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.
- É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

¹¹⁵ OLIVEIRA, Erson Martins de. *Morte e vida em João Cabral*. In: PUC viva, ano II, n° 7. Dezembro de 1999.

O homem Severino, carente de tudo e de morte matada, cria vida e história. Morrer e viver como classe severina é mais que viver e morrer. É fazer exemplo da morte a necessidade da vida, o horizonte da história.

Com uma apurada crítica social, a obra “Morte e Vida Severina” proporciona uma reflexão sobre o tempo e o espaço percorrido por Severino a partir do seu principal guia, o rio Capibaribe – rio que também é tempo e percurso. Rio que corre, que representa a vida como um devir, um vir-a-ser. Mas viver é também vir-ver, vir ou ir ver é o sonho essencial do homem que busca o eldorado para viver.

Enfim, o poeta luta com as palavras com a preocupação de demonstrar o concreto e de canalizar e cristalizar o que é escrito. Nesse choque entre palavras perfiladas, João Cabral apresenta a lâmina e o ciclo do rio no tempo.

3.2 O RIO E AS SECAS

A seguir, pretende-se percorrer um pouco a história das secas presentes neste espaço tão contraditório no território de Pernambuco. Esta área, que se localiza, em sua maior porção, no semi-árido nordestino, está sujeita a secas periódicas, com chuvas irregulares e calamidades.

Grandes secas já ocorreram na região Nordeste. As que marcaram o contexto que está em análise aconteceram em 1932 e em 1945, momento em que foi criado o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), que passou a desempenhar as tarefas antes atribuídas à Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas, criada em 1919.

As secas ocorridas de 1951 a 1953 e em 1956 deram origem ao Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste (GTDN¹¹⁶), encarregado de elaborar uma política de desenvolvimento para a região. No final dos anos 50, o diagnóstico da situação do Nordeste era de uma região pobre, graças à ocorrência simultânea de condicionantes naturais, históricos e estruturais. O Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), órgão do governo

¹¹⁶ GTDN foi constituído pelo presidente J.K. e pelo economista Celso Furtado. É um trabalho de qualidade científica, de argumentos técnicos que se somaram aos fatos políticos que marcaram o final da década de 1950, respaldando o projeto de criação da SUDENE.

federal, construía açudes no interior do Nordeste e, assim, ajudava a salvar os rebanhos, mas não impedia a perda das lavouras alimentares.

Durante as grandes secas, o governo federal distribuía cestas de alimentos à população pobre e abria frentes de trabalho de emergência. Essas ações, que pareciam ajudar os que sofriam com a estiagem, assinalavam o funcionamento da indústria da seca.

A resolução política para resolver este problema da falta de água no semi-árido foi, basicamente, a diretriz traçada pelo Governo Federal para o Nordeste, que prevaleceu pelo menos até meados de 1945. Logo após, a Constituição brasileira de 1946 estabeleceu a reserva no orçamento do Governo de 3% da arrecadação fiscal para gastos na região nordestina. Nascia, assim, uma nova postura distinta da solução hidráulica na política anti-seca, abandonando-se a ênfase em obras em função do aproveitamento mais racional dos recursos.

Em dezembro de 1959, foi criada a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, a Sudene (atualmente extinta e com projetos de ser recriada em novos moldes), organismo constituído para estudar e propor diretrizes para o desenvolvimento da economia nordestina, com o objetivo de diminuir a disparidade existente em

relação ao Centro-Sul do país. Procurava-se estabelecer um novo modelo de intervenção, voltado tanto para o problema das secas, quanto para o Nordeste como um todo.

Há um consenso entre os estudiosos da região Nordeste de que o documento “Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste” – elaborado pelo GTDN (Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste), estabelecido no ano de 1956 e coordenado pelo economista Celso Furtado e pelo presidente Juscelino Kubitschek – foi uma tarefa de grande qualidade científica e de propostas para o desenvolvimento sócio-econômico da região.

Ao debater os fatores histórico-estruturais, o documento apontava o setor público e o setor externo como forças dinâmicas da economia regional até meados da década de 1950. Outra dificuldade identificada era a elevada taxa média de subemprego nas áreas urbanas do Nordeste e o aumento populacional nas grandes cidades, entre as quais a capital Recife.¹¹⁷ Nesse aspecto, o documento fazia algumas propostas quanto à reorganização das atividades econômicas e da população.

¹¹⁷ ANDRADE, Manoel Correia de. *A seca: realidade e mito*. Recife: ASA Pernambuco, 1985. p.81. “A importância do grande Recife decorre de uma série de fatores, como o de ser capital do Estado de Pernambuco, que durante 4 séculos foi a divisão político e administrativa de economia devido a importância do seu porto. Sede de importantes órgãos públicos regionais como a SUDENE e o DNOCS e o banco do nordeste do Brasil.”

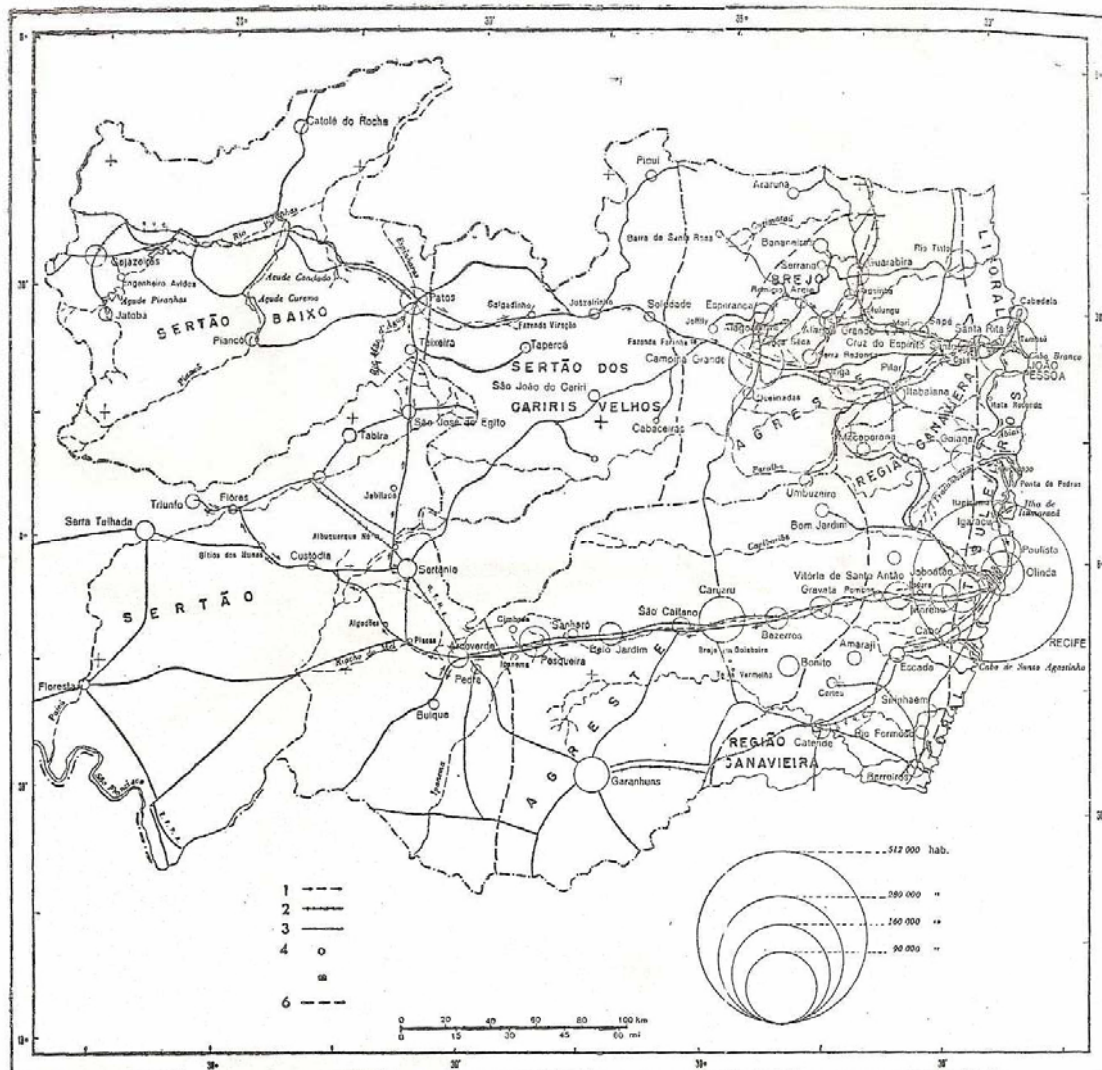
Na década de 50, podia-se notar a expansão da cidade do Recife e de sua população, que, no entanto, mostrava-se cada vez mais empobrecida. Assim, a cidade em si tornava-se criadora de pobreza, o que se devia tanto ao seu modelo sócio-econômico, quanto à sua estrutura física, que fazia dos habitantes das periferias e dos mangues pessoas ainda mais pobres.

A cidade do Recife, onde tantas necessidades emergem, está fadada a ser um local de conflitos crescentes. Após os anos 1940-50, os nexos econômicos ganharam enorme relevo e as dinâmicas urbanas impuseram-se. O forte movimento de urbanização que se verificou a partir do fim da Segunda Guerra Mundial veio acompanhado de um forte crescimento demográfico, resultado de uma natalidade elevada e de uma mortalidade em descenso, cujas essências eram os processos sanitários, a melhoria relativa nos padrões de vida e a própria urbanização.

A partir dos anos 1950, passou-se a notar mais nitidamente uma tendência à aglomeração da população e da urbanização. No período democrático, início da década de 50, o governo promoveu diversas medidas destinadas a incentivar o desenvolvimento econômico, com ênfase na industrialização. Entre 1950 e 1960, o

Índice nacional de natalidade foi de 43,3% e o de mortalidade de 13,4%. Observa-se, no entanto, que este fenômeno não se deu de maneira homogênea.

É interessante notar que no decorrer da presente dissertação pôde-se observar este processo de migração, seus espaços e suas estruturas. Verificou-se, ainda, que a obra de João Cabral de Melo Neto utiliza um exemplo de vários possíveis sobre esta ação, e que os documentos analisados oferecem dados muitas vezes diferentes dos que são relatados mais freqüentemente. Entre tais dados, pode-se citar o referente à população do Recife em 1950, apontando que 12,2% dos habitantes desta cidade eram procedentes de outros estados. Outro dado assinala que os municípios de maior migração para o Recife estão localizados na zona da Mata e que os de menor migração com o mesmo destino estão no Sertão.



Mapa 2- Itinerário da excursão do Nordeste.

1 – itinerário; 2 – estrada de ferro; 3 – rodovia; 4 – povoados; 5 – fazenda;
6 – unidades regionais; 7 – população urbana.¹¹⁸

Analisando-se os dados sobre migrações para o Recife apontados pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais - IJNPS, pode-se notar a diferença entre os índices de migrações

¹¹⁸ MELO, M. L. de. *Paisagens do nordeste em Pernambuco e Paraíba*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

relacionadas por zonas de diferentes climas. A análise desses deslocamentos fez sobressair, por exemplo, a influência exercida pela mera proximidade territorial. O que está implicado em análise são as condições dos cenários geográfico e social no poema apresentado, representando as áreas de procedência das migrações internas.

O baixo nível de renda do pequeno agricultor constitui por si só um grande incentivo ao seu deslocamento. Já entre os habitantes da Zona da Mata¹¹⁹ – ou mais precisamente da zona canavieira – os deslocamentos são menos intensos, apesar das condições de vida da população mais pobre terem se agravado com o advento do sistema capitalista das usinas de açúcar, em substituição às relações de trabalho do tipo patriarcal. Tal substituição privou o trabalhador da assistência social dos antigos engenhos e levou-o a viver apenas do salário, ao mesmo tempo em que o aumento demográfico apresentava-se em proporções superiores aos das necessidades locais de mão-de-obra.

¹¹⁹ ANDRADE, Gilberto Osório de. *Migrações internas e o Recife*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1979. p.39. "[...] quando da amostragem probabilística que antes do censo de 1960 deu começo as pesquisas do Instituto Joaquim Nabuco sobre as migrações para o Recife, apurou-se que, sem embargo de revelar-se como procedência agrestina a maior parte dos migrantes localizados nas áreas urbanas pobres do Recife, a maior porcentagem (60,6%) proviera da Zona da Mata pernambucana, tendo o agreste contribuído só com 35,2% e o Sertão com 4,1%. Isso, em relação a migrantes cujo destino final fora o Recife, porque em termos gerais de emigração os Censos revelam que esta é mais intensa na zona do Agreste do que na Zona da Mata."

Ao chegar à zona da Mata, Severino deparou-se com um paradoxo. Não era possível que em terra tão verde se morresse da mesma morte severina. A terra feminina, fértil e com uma doçura caiana e o campo verde das folhas de cana apareciam como forma de resistência, assim como as águas do rio:

Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina.
Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um bangüê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida. [...]

Seja no Agreste ou na Mata, esses deslocamentos são simultaneamente provocados por fatores estruturais tradicionais e por transformações econômicas recentes. Quanto ao sertão, embora nele sejam sentidas as condições mais desfavoráveis à estabilidade espacial da população, o fato é que não se define como uma área de

êxodo permanente, a despeito das versões que nesse sentido costumam circular. Considera-se que ali, com efeito, a pressão demográfica não é particularmente sensível em virtude de certas circunstâncias, entre as quais a de que tal pressão já ocorre nas populações urbanas.

Mais da metade do complexo regional nordestino corresponde ao Sertão semi-árido. Sua vegetação predominante é a caatinga, palavra de origem indígena que significa "mato branco".

Desde a época colonial, o Sertão foi ocupado pela expansão das áreas de pecuária extensiva. Com a Revolução Industrial, no século XVIII, começou o plantio de algodão. No século XIX, a Guerra Civil entre nortistas e sulistas nos EUA desorganizou a maior exportação de algodão. Então, o Brasil tomou mercados antes controlados pelos EUA e, por conseguinte, os plantadores de algodão do Sertão tornaram-se ricos fazendeiros, passando a disputar poder e influência com os usineiros da Zona da Mata.

O Sertão define-se como local de poucas precipitações pluviométricas. No Sertão existiram secas históricas que duraram vários anos e provocaram grandes tragédias sociais até hoje

lembradas. O jornalista pernambucano Carlos Garcia explica o mecanismo das secas:

A grande seca de 1932 começou realmente em 1926, quando as chuvas foram irregulares, irregularidade que se acentuou a cada ano seguinte. Em 1932, caíram chuvas finas em janeiro, mas cessaram totalmente em março. A estiagem de 1958 também foi uma grande seca, o que indica a ocorrência de um ciclo de anos secos a cada 26 anos, aproximadamente. Essa periodicidade é que leva os sertanejos a afirmar que cada homem tem de enfrentar uma grande seca em sua vida.¹²⁰

Além das grandes secas, existem também as secas localizadas, que atingem pequenos trechos de um ou de outro estado nordestino, causando muitos estragos. Em geral, elas são provocadas pela falta de boas chuvas nas semanas seguintes ao plantio do milho, do feijão e do algodão.

O plantio é feito logo depois das primeiras chuvas do verão. A germinação e o crescimento das plantinhas dependem da continuidade das chuvas na quantidade exata. Se as chuvas se reduzem, o calor e a insolação matam as lavouras que acabaram de germinar. Quando volta a chover, o camponês faz novas plantações. Mas, se as chuvas cessam novamente, recomeça a tragédia. João

¹²⁰ GARCIA, Carlos. *O que é nordeste brasileiro?* São Paulo: Brasiliense, 1984. p.64.

Cabral reflete criticamente sobre a seca, a terra e o homem que a habita:

- Será de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.
- Será de terra
a tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.
- Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.
- Como és homem,
a terra te dará chapéu:
fosses mulher, xale ou véu.
- Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
- Tua roupa melhor
e te ficará bem cingida:
como roupa feita à medida

O agricultor não consegue recomeçar o plantio. Sem dinheiro e sem alimentos, lhe resta esperar a ajuda do governo, ou então tomar o rumo das cidades. Assim, o sertanejo vira retirante ou aguarda a morte, como melhor veste e medida para esta vida.

Nessas regiões a agricultura é feita, em sua grande maioria, para a própria subsistência. O cultivo é baseado em produtos alimentares como milho e feijão, que não se adaptam a pouca chuva.

A economia sertaneja está baseada nas grandes propriedades de criação de gado. Nesses latifúndios vivem os trabalhadores rurais e suas famílias, que recebem um salário miserável para cuidar do gado e das plantações dos fazendeiros. Além disso, cultivam pequenas lavouras alimentares para o consumo familiar, em lotes de terra junto às suas casas.

Em uma entrevista, João Cabral apresenta um outro olhar para esta situação de seca no Nordeste:

[...] Evidentemente há dois Nordeste. O romance de Ariano Suassuna mostra esse Nordeste do sertão, místico, feérico, fabuloso. Acontece que Ariano é um sertanejo paraibano e eu sou nascido e criado na Zona da Mata. Meu contato com o sertão, na infância e adolescência, foi o contato com o retirante que fugia para o litoral por causa da seca. Mas compreendo que, para um sertanejo, nem tudo seja seca, pelo menos nos intervalos entre as secas. [...]¹²¹

João Cabral resume esta análise de uma maneira simples: “Mas compreendo que, para um sertanejo, nem tudo seja seca, pelo menos nos intervalos entre as secas”.¹²² Quando se fala do homem para os homens e da sua ação frente à vida, nota-se que para o migrante, o sertanejo e o poeta “nem tudo seja seca”. Na vida, as

¹²¹ Entrevista concedida a Luiz Ricardo Leitão. *Manchete*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1973.

¹²² Entrevista concedida a Luiz Ricardo Leitão. *Manchete*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1973.

palavras são amplas e as preocupações e a resolução de problemas ocorrem em intervalos entre o Ser(tão).

Para João Cabral, o tempo não evoca ou revive um espaço perdido. Ele não se identifica com a sociedade patriarcal e burguesa. O futuro é construído, para o poeta, pelo desmoronamento das ilusões originadas pela memória e pelo protesto do momento presente de mutação. A lógica, a simetria, a engenhosidade da construção de uma imagem do espaço e do ser que o habita, caminha pela ação sólida e construtiva de mudança da vida, bem como o melindre coletivo de um país no pós-guerra. Um período de busca de otimismo, de fé no desenvolvimento, na concretude de sonhos de sua gente. Momento do qual só a região Nordeste parecia não compartilhar.

Nordeste que segue sua via-crúcis, seu deambulatório, sua ladainha, as contas do rosário no espaço da repetição e da rotina. Espaço da não construção, da destruição do vazio. Espaço da miséria, da fome, hierarquizador até na morte, nos cemitérios, onde a natureza demonstra os mesmos infortúnios humanos.

Local de onde rios, assim como o homem, Severino, fogem para não morrerem de sede. E, em passos largos, correm por esta

paisagem, traçando a cartografia da categoria de afinidade integral nos destroços.

Habitantes do tempo que desfiam um mesmo rosário, lugar de origem das dezenas de contas juntas que dão como seqüela um vazio, como estar-se em um sertão. E o rio e o homem terminam por afogar-se e diluem as suas diferenças, em nome da declaração da mesma homilia da paridade.

O poeta escreve sobre um Nordeste em plena mutação e cria uma concepção original de crítica sobre o que ocorre com o seu povo por intermédio da poesia.

Enfim, onde o Sertão é um local de tensões distintas. As leis e convenções tradicionais devem ser refeitas. As pessoas necessitam de um outro aparato de sensibilidade e percepção adequadas a esta transformação e à nova experiência de vida, mesmo que ela seja Severina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“- Todo o céu e a terra
Ihe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou. (...)
- Todo o céu e a terra
Ihe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
- Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.
- E este rio de água, cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.”

JOÃO CABRAL DE MELO NETO¹²³

¹²³ MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida severina - Auto de Natal Pernambucano*.
Brasil: [s.n.], s/d.

Ao longo dessa caminhada por cenários inundados pelo rio Capibaribe ou secos como a terra do sertão, idéias foram sendo reconstruídas e deixaram entrever a possibilidade de se atribuir a João Cabral de Melo Neto uma síntese histórica, crítica e literária de um horizonte amplo que ainda estava por ser percorrido. Essa síntese e esse horizonte assemelham-se a um caminho de pedras, com tamanhos variados, que, articuladas, falam da própria obra de seu criador, da cultura, da sociedade e da vida.

Verificou-se que João Cabral, como personagem principal desse cenário, esteve vivamente inserido na sua sociedade, assumindo criticamente sua atuação na vida coletiva pelo comprometimento com os problemas do seu tempo. Observou-se, igualmente, que a natureza foi caprichosa com este poeta, já que em raríssimas ocasiões ela decide semear num só indivíduo uma tal sorte de virtudes e qualidades capazes de imortalizá-lo perante o tempo e o mundo.

João Cabral fez da sua vida e da sua obra uma das mais extraordinárias aventuras de sensibilidade, e isso sem usar a inspiração, e sim a prática, a experiência, a memória e a pesquisa. O estudo da sua obra e da sua vida é sempre desafiador, já que

representa a socialização de uma época e de uma cultura. Com seus recortes, elementos e ritmos, abriga diferentes posturas, diversos debates e possibilidades de análise que vão construindo perfis e temas que permitem a compreensão da historicidade e da cultura como processos sociais.

Esta caminhada pela estrada da vida possibilita novos procedimentos para originais e críticos caminhantes. Porém, como já observado no decorrer da pesquisa, a maioria dos caminhos novos e diferentes não resiste ao ritmo compassado e a algumas permanências. E a jornada dita transformadora e crítica é, na verdade, o mesmo caminho realizado todos os dias sob olhares e ângulos diferentes.

Todos os dias indivíduos atravessam a mesma rua, caminham por trajetos iguais e quase sempre convivem com as mesmas pessoas. Nesse sentido, somos os mesmos, com sonhos, metas e esperanças. O uso de um Auto de Natal pelo poeta possivelmente teve esta função, ou seja, a de evidenciar estas permanências. A ausência de tais momentos provoca sentimentos de falta e saudade. Dentro de nós existe um presépio. Na manjedoura, dorme uma

criança. O nome dessa criança é o nosso nome. Dorme em nós o “menino-Deus”.

Aqueles que partilham “sonhos” se dão as mãos e caminham juntos. É do sonho, da meta ou do objetivo que nasce a luta, a transformação e a crítica.

Durante esta jornada, pôde-se notar que João Cabral reflete sobre a vida pura e simples, e que a esperança convive diariamente com perdas e mortes. Deste modo, pode-se dizer que as pessoas caminham a vida inteira para chegarem ao lugar de onde partiram. E quando chegam, vem, então, a surpresa; é como se elas nunca o tivessem visto. Ao final das andanças, os olhos dos caminhantes são outros, e refletem saudades.

Antes que se rompa o fio deste rosário, vale realizar ainda outras reflexões que se situam mais no ponto de vista da compreensão do ser e menos no ponto de vista existencial. E, neste estudo, acredita-se que é por isso que a sociedade precisa dos poetas, uma vez que são eles que tecem as suas palavras em volta do frágil fio que amarra os indivíduos sobre o abismo do tempo e da vida.

Paulatinamente, este trabalho de investigação demonstrou que há muito mais nuances entre a poesia e a História Social do que se

pode imaginar. O poema fornece ao historiador uma abundante e inesgotável matéria-prima para o exercício da crítica e da discussão acerca da história. “O objetivo do conhecimento (ciência) não é o de descobrir o segredo do mundo numa palavra-mestra. É o de dialogar com o mistério do mundo.”¹²⁴

O tipo de pesquisa no qual se insere esta dissertação contribui para a apreensão de trajetórias da vida (história) e caminha junto com a palavra (literatura). Por mais que se tente (apostando no rigor metodológico, no trabalho cotidiano e minucioso com as fontes, em uma análise que faça o estabelecimento constante de relações na escrita de um relato coerente), as palavras permanecem sempre fluidas aos pedaços de história que se quer reconstruir. Questões que permeiam e, ao mesmo tempo, norteiam todo o trabalho de pesquisa: de um lado, a possibilidade de apreensão do passado; e de outro, as incertezas que acompanham essa tarefa.

Entretanto, mesmo depois de todo o trabalho de pesquisa realizado e de todas as considerações destacadas, muitas questões permanecem sem respostas e muitos pontos ainda necessitam de aprofundamento. Como, por exemplo, quem são os leitores de “Morte

¹²⁴ MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Doria. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

e vida Severina”? Existiria, como têm afirmado alguns estudos, um modo de ler “popular”?

Durante o caminhar que aqui se realizou, pôde-se deparar com características centrais da poesia de João Cabral, sendo as principais a memória, a representação, a cidade, o homem, o tempo e o espaço. A construção cerrada e a temática centrada nos motivos nordestinos, dos quais o poeta extrai as bases conceituais de sua composição, resultam numa poesia iluminadora que, a partir dos dados imediatos da realidade, faz com que o poema se represente com a sua essência desvelada.

Foi longo o itinerário que se seguiu. Em outras palavras, João Cabral, os poemas, as entrevistas e os mapas se fundem em uma pesquisa da História Social que pretendeu despertar novos olhares e novos pesquisadores (caminhantes) pelo mundo fascinante do estudo de uma obra literária e de seu autor.

Como um dos fundamentais pontos de apoio, esta jornada, possivelmente, não exerce um caráter de mudança de hábito, e sim uma interferência nos trajetos do trabalho do historiador. O que se procurou fazer foi, evidentemente, algo diferente do convencional no que se refere ao estudo da História. Teve-se, aqui, como fonte

principal, um poema com a narrativa de Severino, retirante pernambucano que percorre as beiras do rio Capibaribe a caminho de Recife e que, em sua jornada, toma um novo contato com a sua já conhecida morte e a vida severina.

Sua palavra poética interpreta um espaço social para absorver a presença cultural de uma região marcada, na década de 50, pelo processo de migração. É desta maneira que o sertão é formado pela presença do homem Severino, com sua sensibilidade ao espaço onde ele conjuga vida.

O caminhante, o habitante, reorganiza o espaço construído em consonância com o seu modo de percorrê-lo, de vivê-lo, e dele se apropria.

No trajeto feito na dissertação sobre esta obra, “Morte e vida Severina”, a vida que sobressai aos olhos é a própria vida em dimensão espessa a desenrolar-se como um enredo. Vida que é tecida dia após dia pelo poeta em protesto, como sinal de resistência, de reação.

Neste espaço tangível, Severino atravessa o sertão e depara-se com um rio, o Capibaribe. Mas, conforme já refletido durante a dissertação, o que acontece no rio é algo que também se realiza no

tempo, já que ambos são cíclicos. Nessa perspectiva, o que foi perdido retorna; o que vem vindo é o que já foi, mas, mesmo assim, um pouco transformado.

A chegada de Severino à cidade do Recife apresenta uma manifestação lógica do mosaico cultural e social na qual esta cidade é fundada. Recife é a desordem dentro da ordem. É onde o homem consubstancia a teoria do caos. Deste modo, a cidade não funciona como um simulacro, ela é real.

A cidade, considerada em sua totalidade, é uma das conquistas produzidas pelo homem capaz de revelar os ciclos históricos vividos por sua sociedade. E, para a sociedade, a cidade é a mais próxima visão do seu mundo. O conhecimento cultural de uma cidade em eterno movimento, de certo modo, amplia o registro do seu passado e se constitui como mais um importante dado para a percepção do significado daquele espaço urbano.

Após a análise de documentos, constatou-se também que, durante a década de 50, ocorreu na cidade de Recife uma alta densidade demográfica, o que impôs ao retirante um novo modo de vida e uma favorável convivência cotidiana com um incontável número de pessoas em movimento e em renovação, fenômeno que revelou a

única paisagem dinâmica válida de uma cidade. Notou-se, ainda, que, além desta peregrinação estafante, Severino suporta, com sua forte personalidade, esta representação do urbano. Esse ambiente ativo, que tem no homem sua figura central, parece comprovar que sua melhor paisagem é o próprio homem.

Ao se saborear uma obra literária como "Morte e vida Severina", transpõe-se alguns obstáculos que, muitas vezes, para um simples leitor, são impercebíveis. A principal barreira é entender como é possível, por intermédio dos nossos saberes (história), chegar aos sabores de uma boa leitura da vida.

Esta dissertação procurou, assim, caminhar por várias alamedas interdisciplinares, na tentativa de calçar o trabalho da história com o mundo da literatura, pois, por parecerem semelhantes e, ao mesmo tempo, distintos, ambos trabalham com o passado como temporalidade e remetem à construção de uma memória que recria o passado e se funde com referências que se estabilizam no presente.

O texto poético oferece aos seus leitores um contato entre o passado e o presente, no qual a memória nasce dentro da narrativa histórica como representação e fixação da vida social. Nesse sentido, a memória é diferente da história pela capacidade de assegurar

permanências e pelos cortes do tempo. Assim, a materialização do passado é formada pelo choque entre o indivíduo, o coletivo e a memória.

Para terminar, não se poderia deixar de lado um alento, um poema célebre, de João Cabral de Melo Neto, intitulado “Tecendo a manhã”:

Tecendo a manhã¹²⁵

Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito que um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
o e fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos,
se erguendo tenda, onde entrem todos,
se entretendo para todos, no toldo
(a manhã) que plana livre de armação.
A manhã, toldo de um tecido tão aéreo
que, tecido, se eleva por si: luz balão.

Neste poema, pode-se arquitetar que o galo representa o historiador ou qualquer homem que busca respostas e explicações sobre a vida e o tempo. Assim, compreende-se que este historiador

¹²⁵ MELO NETO, João Cabral de. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1965.

sozinho não descobre coisa alguma. Ele simplesmente não tece uma manhã, um significado para sua vida.

Por este motivo, faz-se necessário “beber de outras águas”, utilizar outras ciências. Utilizar literatura, geografia, política e sua própria vida. Só assim o homem pode propagar o seu saber entre outros saberes, por intermédio da comunicação do que acredita ser verdadeiro. Pode-se argumentar como um novo apreciar sobre a história, “uma constituição de novos territórios do historiador através da anexação dos territórios dos outros”.¹²⁶

Este homem incorpora uma tela de informações e apresenta a todos uma Luz Balão. Luz com movimento, ação. Luz que abre caminhos, apresenta novos olhares e re-significações para o trabalho de outros “galos”, que, com esta luz balão, luz da manhã, poderão acordar e gritar para o mundo sua crítica e seu olhar sobre a vida. Poderão, assim, continuar a caminhar por outras longas e largas jornadas.

¹²⁶ CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações - Memória e Sociedade*. Rio de Janeiro: Difel, 1996. p.14.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

ADES, César. *Múltipla memória*. Vol.4. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP, 1993.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. *Nordestino: uma invenção do falo - uma história do gênero masculino (nordeste – 1920-1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.

ANDRADE, Gilberto Osório de. *Migrações internas e o Recife*. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1979.

ANDRADE, Manoel Correia de. *A seca: realidade e mito*. Recife: ASA Pernambuco, 1985.

ANDRADE, Mario de. *Danças dramáticas do Brasil*. 1º tomo. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1959.

ARISTÓTELES. *Arte Poética*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2004.

BAHIA, Cristiano Anderson. *Utopia “Severina” - denúncia profética e esperança em João Cabral de Melo Neto*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), PUC-SP, 2001.

BARBOSA, João Alexandre. *A imitação da forma: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.

_____. “Balanço de João Cabral de Melo Neto.” In: _____. *Ilusões da Modernidade: notas sobre a historicidade da lírica moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

_____. *A leitura do intervalo - ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras Secretaria do Estado da Cultura, 1990.

BARBOSA, Maria Lisa Montenegro. *Uma leitura de morte e vida*. Recife: UFPE, 1979.

BOSI, Alfredo. *Cultura brasileira - temas e situações*. Série fundamentos 18. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *O auto do Frade: as vozes e a geometria*. São Paulo: Ática, 1988.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

_____. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das letras, 2002.

CAMPOS, Augusto de. *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem – ensaios, teoria e crítica literária*. São Paulo: Cultrix, 1976.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade - Estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

CARONE, Modesto. *A poética do silêncio João Cabral de Melo Neto e Paul Celan*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

CASCUDO, Câmara. *Sociologia do Açúcar - Pesquisa e dedução*. Rio de Janeiro: Instituto do Açúcar e do álcool, 1977.

_____. *Vaqueiros e cantadores do nordeste*. Belo Horizonte: Itatiaia USP, 1984.

CASÉ, Paulo. *A cidade desvendada: Reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano - seus mistérios e fascínios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

- _____. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Antares Achiame, 1980.
- CERILELI, Dirce Tereza. *Poética e função metalingüística: João Cabral de Melo Neto*. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, 1975.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações - Memória e Sociedade*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1996.
- _____. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietudes*. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFECS, 2002.
- COSTA, F. A. Pereira da. *Folk-lore Pernambucano – Subsídios para a história da poesia popular em Pernambuco*. Recife: Arquivo Público Estadual, 1974.
- DECCA, Edgar Salvadori de (Org). *Pelas Margens: Outros Caminhos da história da Literatura*. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- DURHAN, Eunice R. *A caminho da cidade – a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ESCOREL, Lauro. *A pedra e o rio – uma interpretação da poesia de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.
- FAUSTO, Boris. *Cultura e cidades*. São Paulo: ANPUH, 1985.
- _____. *A revolução de 1930 – Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003.
- FERRARA, Lucrecia D. Alessio. “Entre teatro e a poesia.” In: _____. *O texto estranho*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- FERREIRA, Jerusa Pires. “Cultura é memória.” In: *Revista USP*, Ética 24.

- FIGUEIREDO, Vera Follain de. *Da profecia ao labirinto: Imagens da História na ficção latino-americana Contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- FREITAS, Maria Teresa de. *Literatura e História. O romance Revolucionário de André Malraux*. São Paulo: Atual Editora, 1986.
- FREYRE, Gilberto. *Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife*. 2ªed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- GARCIA, Carlos. *O que é nordeste brasileiro?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- GINZBURG, Carlo. "Representação – a palavra, a idéia, a coisa". In: _____. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Cia. das letras, 2001.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. "Branco sobre branco." In: _____. *Cobra de vidro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *O espírito e a letra: Estudos de crítica literária*. São Paulo: Cia das letras, 1996.
- HOUAISS, Antonio. *Drummond mais seis poetas e um problema*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Tradução de Henrique Mesquita. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- _____. *História e memória*. Tradução de Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: UNICAMP, 1992.
- LEITE, Sebastião Uchoa. "Máquina sem mistérios: a poesia de João Cabral de Melo Neto." In: _____. *Crítica clandestina*. Rio de Janeiro: Taurus, 1986.

LIMA, Maria Lisa Montenegro Barbosa. *Uma leitura de morte e vida*. Recife: UFPE, 1979.

MANGUEL, Alberto. *No bosque do espelho: ensaios sobre as palavras e o mundo*. São Paulo: Cia. das letras, 2000.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e vida Severina - Auto de Natal pernambucano*. Brasil: [s.n.], s/d.

_____. *A Educação pela Pedra*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1965.

_____. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

_____. *Sevilha Andando*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

_____. *João Cabral de Melo Neto por ele mesmo* (CD). Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 2000.

_____. *1920-1999 – Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Organização, apresentação e notas de Flora Süssekind. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação casa de Rui Barbosa, 2001.

MELO, Mario Lacerda de. *Paisagens do nordeste em Pernambuco e Paraíba*. Rio de Janeiro: Conselho Nacional de Geografia, 1958.

_____. *Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife*. Recife: UFPE, 1978.

MEYER, Marlyse. *Caminhos do imaginário no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MOISES, Carlos Felipe. *Poesia e Realidade*. São Paulo: Cultrix, 1977.

NUNES, Benedito. João Cabral de Melo Neto. Nota biográfica: introdução crítica, antologia, bibliografia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974

- OLIVEIRA, Erson Martins de. *João Cabral de Melo Neto: a poética da objetividade*. Tese (Doutorado em Comunicação no Brasil), PUC-SP, 1992.
- _____. "Morte e vida em João Cabral." In: *Revista PUC viva*. Ano II. n° 7. Dezembro de 1999.
- OLIVEIRA, Waltencir Alves de. *A "leitura" da leitura de Morte e vida Severina*. São Paulo: USP, 2001.
- PAZ, Otávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- _____. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- PEIXOTO, Marta. *Poesia com coisas: uma leitura de João Cabral de Melo Neto*. São Paulo: Perspectiva, 1983.
- PERRUCCI, Gadiel. *Favelas do Rio e mucambos do Recife*. Recife: Fundação da Promoção Social, 1962.
- PIGNATARI, Décio. "Situação atual da poesia no Brasil." In: _____. *Contracomunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- RATTNER, Henrique. *Planejamento urbano e regional*. São Paulo: Nacional, 1974.
- RICOEUR, Paul. *"Histoire et rhétorique"*. Diogène, 1994.
- RODRIGUES, Elisabete Alfeld. *As mídias e a migração de um texto "Morte e Vida Severina"*. São Paulo, 1992.
- SANTOS, Douglas. *A reinvenção do espaço: diálogos em torno da construção do significado de uma categoria*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- SANTOS, M. *O Espaço Dividido: Os Dois Circuitos da Economia Urbana dos Países Subdesenvolvidos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1979.

- SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: A poesia do menos*. São Paulo: Duas Cidades; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.
- SENNA, Marta de. *João Cabral: Tempo e memória*. Rio de Janeiro: Antares / INL, 1980.
- SILVA, Gláucia Gomes da. *Leitura de uma certa poética Cab(r)al*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, 1997.
- STEEN, Edla van. *Viver e escrever*. Vol.1. Porto Alegre: L&PM, 1981.
- SUASSUNA, Ariano. *Leituras do Brasil - volta com a poesia de João Cabral de Melo Neto*. Documentário TV Cultura.
- SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- TENÓRIO, Waldecy. *A bailadora Andaluza: a explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Paulo: Ateliê Editorial / Fapesp, 1996.
- TRONCA, Ítalo. *Revolução de 1930: a dominação oculta*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- VAMIREH, Chacom. *O Capibaribe e o Recife – História social e sentimental de um rio*. Recife: Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco, 1959.
- VESCIO, Luiz Eugenio (Org). *Literatura e História: Perspectivas e Convergências*. Bauru, SP: Edusc, 1999.
- VICO, Giambattista. *A ciência Nova*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- WALDECY, Tenório. *A bailadora Andaluza: explosão do sagrado na poesia de João Cabral*. São Paulo: Ateliê editorial / Fapesp, 1995.
- WHITE, Hayden. *Trópicos do discurso. Ensaios sobre a crítica da cultura*. São Paulo: EDUSP, 1994.

WISSENBACH, Maria Cristina Cortez. “Da escravidão à liberdade: dimensões de uma privacidade possível.” In: _____. *História da vida privada no Brasil*. Vol.3. São Paulo: Cia. da Letras, 1998.

Entrevistas:

- Entrevista a Jorge Laclette, 21 jun.1953.
- Entrevista a Jose Correia Tavares. *Letras e Artes*. Lisboa, 08 jun. 1966.
- *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 16 ago. 1968.
- Entrevista a Jeová Franklin. *Diário de Pernambuco*. Recife, 04 maio 1969.
- Entrevista a Luiz Ricardo Leitão. *Manchete*. Rio de Janeiro, 10 nov. 1973.
- Entrevista a Célia Luz. *Jornal do Brasil*. Caderno B. Rio de Janeiro, 23 jul. 1974.
- *O Popular*. 2º Caderno. Goiânia, 22 dez. 1981.
- *Pau Brasil*. nº 15. Nov./dez.1986.
- Resposta ao poeta Sebastião Uchoa Leite. *34 Letras*. nº3. Rio de Janeiro, mar. 1989.
- Entrevista a Augusto Massi. *Folha de S.Paulo*. Caderno Letras. São Paulo, 30 mar. 1991.
- Entrevista a Miguel de Almeida. *Folha de S.Paulo*. 29 dez. 1981.
- Entrevista a José Carlos Vasconcelos. *Diário de Lisboa*. Lisboa, 16 jun. 1966.

ANEXOS

**ANEXO 1: POEMA COMPLETO “MORTE E VIDA SEVERINA –
AUTO DE NATAL PERNAMBUCANO” (1954-1955)
JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR
QUEM É E A QUE VAI

- O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino
da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande

que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).
Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.

ENCONTRA DOIS HOMENS
CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA
REDE, AOS GRITOS DE "Ó IRMÃOS DAS
ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI
EU QUEM MATEI NÃO!"

-A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
-A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.

-E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,
sabeis como ele se chama
ou se chamava?
-Severino Lavrador,
irmão das almas,
Severino Lavrador,
mas já não lavra.
- E de onde que o estais trazendo,
irmãos das almas,
onde foi que começou
vossa jornada?
- Onde a Caatinga é mais seca,
irmão das almas,
onde uma terra que não dá
nem planta brava.
- E foi morrida essa morte,
irmãos das almas,
essa foi morte morrida
ou foi matada?
- Até que não foi morrida,
irmão das almas,
esta foi morte matada,
numa emboscada.
- E o que guardava a emboscada,
irmão das almas
e com que foi que o mataram,
com faca ou bala?
- Este foi morto de bala,
irmão das almas,
mas garantido é de bala,
mais longe vara.
- E quem foi que o emboscou,
irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?
- Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.
- E o que havia ele feito
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?
- Ter um hectare de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada

que cultivava.

- Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas
que podia ele plantar
na pedra avara?

- Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.

- E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?

- Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.

- Mas então por que o mataram
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?

- Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

- E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?

- Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.

- E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,
com a semente do chumbo
que tem guardada?

- Ao cemitério de Torres,
irmão das almas,
que hoje se diz Toritama,
de madrugada.

- E poderei ajudar,
irmãos das almas?
vou passar por Toritama,
é minha estrada.

- Bem que poderá ajudar,
irmão das almas,

é irmão das almas quem ouve
nossa chamada.

- E um de nós pode voltar,
irmão das almas,
pode voltar daqui mesmo
para sua casa.

- Vou eu que a viagem é longa,
irmãos das almas,
é muito longa a viagem
e a serra é alta.

- Mais sorte tem o defunto
irmãos das almas,
pois já não fará na volta
a caminhada.

- Toritama não cai longe,
irmãos das almas,
seremos no campo santo
de madrugada.

- Partamos enquanto é noite
irmãos das almas,
que é o melhor lençol dos mortos
noite fechada.

O RETIRANTE TEM MEDO DE SE EXTRAVIAR POR SEU GUIA, O RIO CAPIBARIBE, CORTOU COM O VERÃO

- Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,
cidades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha;
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,

há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pêlo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre
pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
Tenho que saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.
Mas não vejo almas aqui,
nem almas mortas nem vivas;
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria;
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA
ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS PARA
UM DEFUNTO, ENQUANTO UM HOMEM,
DO LADO DE FORA, VAI PARODIANDO
A PALAVRAS DOS CANTADORES

- Finado Severino,
quando passares em Jordão
e o demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
- Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.

- Finado Severino, etc...
- Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.
- Finado Severino, etc...
- Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.
- Uma excelência dizendo que a hora é hora.
- Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.
- Duas excelências...
- ...dizendo é a hora da plantação.
- Ajunta os carregadores...
- ...que a terra vai colher a mão.

CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE
 PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS
 INSTANTES E PROCURAR TRABALHO
 ALI ONDE SE ENCONTRA

- Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida, e é ainda mais severina para o homem que retira). Penso agora: mas por que parar aqui eu não podia e como Capibaribe interromper minha linha? ao menos até que as águas de uma próxima invernia me levem direto ao mar ao refazer sua rotina? Na verdade, por uns tempos, parar aqui eu bem podia e retomar a viagem quando vencesse a fadiga. Ou será que aqui cortando

agora minha descida
já não poderei seguir
nunca mais em minha vida?
(será que a água destes poços
é toda aqui consumida
pelas roças, pelos bichos,
pelo sol com suas línguas?
será que quando chegar
o rio da nova invernia
um resto de água no antigo
sobrará nos poços ainda?)
Mas isso depois verei:
tempo há para que decida;
primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva.
Vejo uma mulher na janela,
ali, que se não é rica,
parece remediada
ou dona de sua vida:
vou saber se de trabalho
poderá me dar notícia.

DIRIGE-SE À MULHER NA JANELA QUE
DEPOIS, DESCOBRE TRATAR-SE DE
QUEM SE SABERÁ

- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.

- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazias por lá?
- Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar;
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.
- Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém
sei combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;
diga-me ainda, compadre
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavras
pela seca faça solar.
- Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá;
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear;
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.
- Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas
de um bangüê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,
de uma casa de purgar.
- Com a vinda das usinas
há poucos engenhos já;
nada mais o retirante
aprendeu a fazer lá?
- Ali ninguém aprendeu
outro ofício, ou aprenderá;
mas o sol, de sol a sol,

bem se aprende a suportar.
- Mas isso então será tudo
em que sabe trabalhar?
vamos, diga, retirante,
outras coisas saberá.
- Deseja mesmo saber
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui
é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
- Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.
- E ainda se me permite
que volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?
- É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.
- E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?
- De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;

a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.
- E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim nesse lugar?
- Como aqui a morte é tanta,
só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazemos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear.

O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA, QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM INTERROMPER A VIAGEM

- Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quando mais do litoral
a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;

cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina.
Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um bangüê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,
os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco de verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha.

ASSISTE AO ENTERRO DE UM
TRABALHADOR DE EITO E OUVES O QUE
DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE
O LEVARAM AO CEMITÉRIO

- Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.
- É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe

neste latifúndio.

- Não é cova grande.

é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.

- É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho
que estavas no mundo.

- É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.

- É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

- Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.

- Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.

- Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.

- Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.

- Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

- Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.

- Será de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.

- Será de terra
a tua melhor camisa:
te veste e ninguém cobiça.

- Terás de terra
completo agora o teu fato:
e pela primeira vez, sapato.

- Como és homem,
a terra te dará chapéu:

fosses mulher, xale ou véu.

- Tua roupa melhor
será de terra e não de fazenda:
não se rasga nem se remenda.
- Tua roupa melhor
e te ficará bem cingida:
como roupa feita à medida.

- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu teu suor vendido).
- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu o moço antigo)
- Esse chão te é bem conhecido
(bebeu tua força de marido).
- Desse chão és bem conhecido
(através de parentes e amigos).
- Desse chão és bem conhecido
(vive com tua mulher, teus filhos)
- Desse chão és bem conhecido
(te espera de recém-nascido).
- Não tens mais força contigo:
deixa-te semear ao comprido.
- Já não levas semente viva:
teu corpo é a própria maniva.
- Não levas rebolo de cana:
és o rebolo, e não de caiana.
- Não levas semente na mão:
és agora o próprio grão.
- Já não tens força na perna:
deixa-te semear na coveta.
- Já não tens força na mão:
deixa-te semear no leirão.
- Dentro da rede não vinha nada,
só tua espiga debulhada.
- Dentro da rede vinha tudo,
só tua espiga no sabugo.
- Dentro da rede coisa vasqueira,
só a maçaroca banguela.
- Dentro da rede coisa pouca,
tua vida que deu sem soca.
- Na mão direita um rosário,
milho negro e ressecado.
- Na mão direita somente
o rosário, seca semente.
- Na mão direita, de cinza,
o rosário, semente maninha,
- Na mão direita o rosário,

semente inerte e sem salto.

- Despido vieste no caixão,
despido também se enterra o grão.
- De tanto te despiu a privação
que escapou de teu peito à viração.
- Tanta coisa despiste em vida
que fugiu de teu peito a brisa.
- E agora, se abre o chão e te abriga,
lençol que não tiveste em vida.
- Se abre o chão e te fecha,
dando-te agora cama e coberta.
- Se abre o chão e te envolve,
como mulher com que se dorme.

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

- Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda
Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,
e quer nesta terra gorda
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre com
a mesma chama mortífera.
Agora é que compreendo

por que em paragens tão ricas
o rio não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vive a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida,
com medo de se deter,
grande que seja a fadiga.
Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
o fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,
derradeira ave-maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

CHEGANDO AO RECIFE, O RETIRANTE
SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ DE
UM MURO ALTO E CAIADO E OUVE,
SEM SER NOTADO, A CONVERSA
DE DOIS COVEIROS

- O dia hoje está difícil;
não sei onde vamos parar.
Deviam dar um aumento,
ao menos aos deste setor de cá.
As avenidas do centro são melhores,
mas são para os protegidos:
há sempre menos trabalho
e gorjetas pelo serviço;
e é mais numeroso o pessoal
(toma mais tempo enterrar os ricos).
- pois eu me daria por contente
se me mandassem para cá.
Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar.
De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.

Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei).

As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar;
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,
e ainda mais cenografia.

Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:
diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.
- Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?
Pode ser uma estação
mas não estação de trem:

será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.
- Então por que não pedes,
já que és de carreira, e antigo,
que te mandem para Santo Amaro
se achas mais leve o serviço?
Não creio que te mandassem
para as belas avenidas
onde estão os endereços
e o bairro da gente fina:
isto é, para o bairro dos usineiros,
dos políticos, dos banqueiros,
e no tempo antigo, dos bangüezeiros
(hoje estes se enterram em carneiros);
bairro também dos industriais,
dos membros das associações patronais
e dos que foram mais horizontais
nas profissões liberais.
Difícil é que consigas
aquele bairro, logo de saída.
- Só pedi que me mandasse
para as urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,
com suas cômodas de pedra.

-Esse é o bairro dos funcionários
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas;
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se libertaram jamais.

- Também um bairro dessa gente
temos no de Casa Amarela:
cada um em seu escaninho,
cada um em sua gaveta,
com o nome aberto na lousa
quase sempre em letras pretas.
Raras as letras douradas,
raras também as gorjetas.

- Gorjetas aqui, também,
só dá mesmo a gente rica,
em cujo bairro não se pode
trabalhar em mangas de camisa;
onde se exige quepe
e farda engomada e limpa.

- Mas não foi pelas gorjetas, não,
que vim pedir remoção:
é porque tem menos trabalho
que quero vir para Santo Amaro;
aqui ao menos há mais gente
para atender a freguesia,
para botar a caixa cheia
dentro da caixa vazia.

- E que disse o Administrador,
se é que te deu ouvido?

- Que quando apareça a ocasião
atenderá meu pedido.

- E do senhor Administrador
isso foi tudo que arrancaste?

- No de Casa Amarela me deixou
mas me mudou de arrabalde.

- E onde vais trabalhar agora,
qual o subúrbio que te cabe?

- Passo para o dos industriários,
que também é o dos ferroviários,
de todos os rodoviários

e praças-de-pré dos comerciários.
- Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários;
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.
- É, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.
- É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;
são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
- É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
- O rio daria a mortalha e até um macio
caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.

- E não precisava dinheiro,
e não precisava coqueiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
- Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.
- E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitério esperando.
- Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro.

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

- Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidade e de vilas,
e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ao meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.

Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,
mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

APROXIMA-SE DO RETIRANTE O ORADOR
DE UM DOS MOCAMBOS QUE EXISTEM
ENTRE O CAIS E A ÁGUA DO RIO

- Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabes me dizer se o rio
a esta altura dá vau?
sabes me dizer se é funda
esta água grossa e carnal?
- Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado;
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.
- Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega o abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.
- Severino, retirante
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzei este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,

se cruza quando se come.
- Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?
- Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;
sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.
- Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?
- Severino, retirante,
o mar de nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira,
porque senão ele alarga
e devasta a terra inteira.
- Seu José, mestre carpina,
e em que nos faz diferença
que como frieira se alastre,
ou como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?
- Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.
- Seu José, mestre carpina,
e que diferença faz
que esse oceano vazio
cresça ou não seus cabedais
se nenhuma ponte mesmo
é de vencê-lo capaz?
- Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?

e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?
- Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.
- Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,
há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?
- Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.
- Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU
O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE VERÁ

- Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito;
e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.

APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA
O HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS
CIGANAS, ETC .

- Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
- Foi por ele que a maré
fez parar o seu motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
- E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
- E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.

- Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
- Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.
- E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.
- E este rio de água, cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS
TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM-
NASCIDO

- Minha pobreza tal é

que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.

- Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar;
aqui todos são irmãos,
de leite, de lama, de ar.

- Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago este papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.

- Minha pobreza tal é
que não tenho presente caro:
como não posso trazer
um olho d'água de Lagoa do Cerro,
trago aqui água de Olinda,
água da bica do Rosário.

- Minha pobreza tal é
que grande coisa não trago:
trago este canário da terra
que canta sorrindo e de estalo.

- Minha pobreza tal é
que minha oferta não é rica:
trago daquela bolacha d'água
que só em Paudalho se fabrica.

- Minha pobreza tal é
que melhor presente não tem:
dou este boneco de barro
de Severino de Tracunhaém.

- Minha pobreza tal é
que pouco tenho o que dar:
dou da pitu que o pintor Monteiro
fabricava em Gravatá.

- Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana.

- Eis ostras chegadas agora,
apanhadas no cais da Aurora.

- Eis tamarindos da Jaqueira
e jaca da Tamarineira.

- Mangabas do Cajueiro
e cajú da Mangabeira.
- Peixe pescado no Passarinho,
carne de boi dos Peixinhos.
- Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.
- Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
- Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

- Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura:
somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura.
Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com
outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
- Atenção peço, senhores,

também para minha leitura:
também venho dos Egitos,
vou completar a figura.
Outras coisas que estou vendo
é necessário que eu diga:
não ficará a pescar
de jereré toda a vida.
Minha amiga se esqueceu
de dizer todas as linhas;
não pensem que a vida dele
há de ser sempre daninha.
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,
coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vemos aqui vestido
de lama da cara ao pé.
E mais: para que não pensem
que em sua vida tudo é triste,
vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS
QUE VIERAM COM PRESENTES, ETC

- De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,
de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.
- De sua formosura
deixai-me que diga:
uma criança pálida,
é uma criança franzina,
mas tem a marca de homem,

marca de humana oficina.
- Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo
como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.
- Sua formosura
eis aqui descrita:
é uma criança pequena,
enclenque e setemesinha,
mas as mãos que criam coisas
nas suas já se adivinha.

- De sua formosura
deixai-me que diga:
é belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.

- De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.

- De sua formosura
deixai-me que diga:
belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.

- De sua formosura
deixai-me que diga:
é tão belo como um sim
numa sala negativa.

- É tão belo como a soca
que o canavial multiplica.
- Belo porque é uma porta
abrindo-se em mais saídas.
- Belo como a última onda
que o fim do mar sempre adia.
- É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.

- Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo

quando a gente o principia.
- E belo porque o novo
todo o velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

O CARPINA FALA COM O RETIRANTE QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR PARTE DE NADA

- Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

**ANEXO 2:
JOÃO CABRAL DE MELO NETO POR ELE MESMO (CD)¹²⁷**

- 1 – O cão sem plumas
- 2 – Poesia
- 3 – Os três mal- amados
- 4 – O engenheiro
- 5 – Psicologia da composição
- 6 – O rio
- 7 – Alguns toureiros
- 8 – Poema (s) da cabra
- 9 – Estudos para uma bailadora andaluza
- 10 – Pernambucano em Málaga
- 11 – O sol em Pernambuco
- 12 – Morte e vida severina
- 13 – Festa na casa- grande
- 14 – Uma sevilhana pela Espanha
- 15 – Velório de um comendador
- 16 – A educação pela pedra
- 17 – Duas das festas da morte
- 18 – O sertanejo falando
- 19 – Pregão turística do Recife
- 20 – A mulher e a casa
- 21 – Autobiografia do poeta

¹²⁷ MELO NETO, João Cabral de. *João Cabral de Melo Neto por ele mesmo* (CD). Rio de Janeiro: Editora Eldorado, 2000.